

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE -UNICENTRO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

**O PROTAGONISMO SURDO: A REPRESENTAÇÃO DA
SURDEZ EM *CRISÁLIDA***

ALAN MARLON DE MATTOS

**Guarapuava, PR
2023**

ALAN MARLON DE MATTOS

**O PROTAGONISMO SURDO: A REPRESENTAÇÃO DA
SURDEZ EM CRISÁLIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Letras, do Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da UNICENTRO.

Orientadora: Profa. Dra. Éverly Pegoraro.

**Guarapuava, PR
2023**

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

M444p Mattos, Alan Marlon de
O protagonismo surdo : a representação da surdez em Crisálida / Alan Marlon de Mattos. -- Guarapuava, 2023.
xiii, 104 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Interfaces entre Língua e Literatura, 2023.

Orientadora: Éverly Pegoraro

Banca examinadora: Ivan Bomfim, Edson Santos Silva

Bibliografia

1. *Deafhood*. 2. Estudos Surdos. 3. Estudos Culturais. 4. Representação. 5. Identidade. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD B869

TERMO DE APROVAÇÃO

ALAN MARLON DE MATTOS

O PROTAGONISMO SURDO: A REPRESENTAÇÃO DA SURDEZ EM *CRISÁLIDA*

Dissertação aprovada em 14/12/2023 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, pela seguinte banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Éverly Pegoraro (PPGL/UNICENTRO) - Presidente/Orientadora

Prof.(a) Dr.(a) Ivan Bomfim (PPJOR/UEPG) - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Edson Santos Silva (PPGL/UNICENTRO) - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR
2023



Correspondência Interna 081/2023.

Documento: **Atan172023TermoAprov.DefesadeAlan.pdf.**

Assinatura Simples realizada por: **Edson Santos Silva (XXX.766.875-XX)** em 14/12/2023 17:21 Local: CIDADAO, **Éverly Pegoraro (XXX.049.009-XX)** em 14/12/2023 20:40 Local: CIDADAO, **Ivan Elizeu Bomfim Pereira (XXX.895.576-XX)** em 18/12/2023 11:38 Local: CIDADAO.

Inserido ao documento **712.014** por: **Omar Ricieri Nunez Dalmaz** em: 14/12/2023 15:48.



Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021,

A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço:

<https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código:

3992b9750157f434b2c5f900c9eb7b0b.

À minha família, por ser a base em todos os momentos.

À minha irmã Milena Cristina de Mattos Almeida (*in memoriam*) e ao meu cunhado Anderson Almeida (*in memoriam*), que tão cedo partiram, deixando saudades imensuráveis.

Agradecimentos

Palavras não são suficientes para expressar o sentimento de gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte deste processo. Chegar até aqui só foi possível devido ao apoio imprescindível de cada um que, a sua forma, me incentivaram e me apoiaram para a concretização de mais esta etapa. A todos vocês, a minha gratidão.

A Deus e ao universo pelas oportunidades e dádivas de cumprir esta etapa da minha vida e me darem as forças necessárias para realizá-la de forma tão brilhante e satisfatória.

Aos meus pais, Antonio e Cristina; à minha irmã Maiara e aos meus sobrinhos, Guilherme e Emanuel, por todo apoio e carinho recebidos.

À Suellen Fernanda de Quadros Soares, uma grande amiga e excelente profissional da educação de surdos, pessoa à qual tenho uma imensa admiração profissional e pessoal. Minha gratidão por todo apoio e incentivo desde 2012, e por sempre acreditar em minha capacidade profissional e por ser uma das bases no meu aprendizado em Libras e imersão na comunidade surda.

A Luciane Soares, amiga e excelente intérprete de Libras, pela receptividade e ensinamentos no início do meu contato com a Libras e com a comunidade surda, minha gratidão pelas oportunidades e aprendizados.

À comunidade surda, por todos os ensinamentos linguísticos e culturais que me atravessam e me constroem diariamente como profissional. Grato pela oportunidade de aprender e vivenciar uma cultura e língua tão essenciais.

À professora Éverly Pegoraro, minha orientadora, por ter aceitado o desafio de trilhar este percurso acadêmico comigo e pelas suas riquíssimas orientações e contribuições para que esta dissertação fosse concluída com êxito. Minha eterna gratidão por fazer parte desta etapa tão fundamental para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

À equipe do Centro de Apoio aos Surdos e aos Profissionais da Educação de Surdos - CAS Guarapuava, por todo incentivo e palavras de apoio durante esses dois anos de desenvolvimento da pesquisa, por toda compreensão e carinho de sempre.

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa, Ivan Bonfim, Edson Santos Silva e Danilo da Silva Knapik pela leitura atenta da minha

dissertação e pelas riquíssimas contribuições e sugestões que abrilhantaram ainda mais esta pesquisa.

À criadora e produtora da série *Crisálida*, Alessandra da Rosa Pinho, pela receptividade desde o primeiro contato e pela disponibilização dos links com os episódios da série, para que o desenvolvimento desta pesquisa fosse possível.

Aos professores do PPGL, pelos riquíssimos ensinamentos e contribuições na minha formação acadêmica durante o ano de 2022.

A todos meus amigos pelas palavras de incentivo e carinho.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Palavras iniciais

Escrever a respeito do povo surdo foi desafiador, um convite para deixar de lado as influências ouvintes e buscar entender ainda mais esse mundo do qual faço parte.

A minha história com a comunidade surda não se restringe a esses dois anos em que me dediquei a entender mais a cultura, identidade e maneira surda de ser.

Essa relação começou em 2009, no Ensino Fundamental II, quando tive meu primeiro contato com a pessoa surda. Naquela época, não imaginava que algum tempo depois estaria imerso nesse outro mundo.

Ao observar a atuação da intérprete em sala, plantou-se uma semente de interesse pela área, que veio a brotar anos mais tarde, em 2012, quando novamente tive a oportunidade de estudar junto a colegas surdas. Naquele ano, cursando o primeiro ano de um curso profissionalizante, me senti instigado a ajudá-las, quando ficaram sem intérprete por alguns dias, devido à demora na abertura da demanda. E ainda sem saber a língua, em meio aos gestos e ao uso do alfabeto manual em Libras, alguns diálogos foram saindo. Aquela semente que há um tempo havia sido plantada e estava germinando começou a florescer.

O contato diário com as colegas surdas me oportunizou adquirir a fluência na língua de forma mais rápida, além dos cursos básicos. Quando me dei conta, já estava imerso no mundo Surdo.

E assim foram surgindo as primeiras tentativas de interpretação, incentivadas pelas intérpretes Suellen Fernanda de Quadros Soares e Luciane Soares, que hoje são amigas e colegas de trabalho. Elas foram a base para meu desenvolvimento profissional na época de iniciante.

Diante da primeira interpretação, dentro de um contexto religioso, eu nunca mais parei.

Em 2016, especificamente no mês de agosto, após ter passado por um exame de proficiência em Libras, comecei a atuar profissionalmente e, desde então, não me vejo em outra área, além de estar interpretando.

De 2016 a 2020, tive a oportunidade de aprender com a comunidade surda da minha cidade natal, Arapoti-PR, entretanto, aquilo já não me cabia mais e, “provocado” pela amiga e colega de profissão Suellen, me desafiei a buscar novos espaços. Foi então que, seguindo novamente os passos dela, que é referência para mim, realizei o teste seletivo para professor colaborador, para atuar como Intérprete na Unicentro. Obtive a aprovação no final de 2020, iniciei meu trabalho de forma remota e, no ano seguinte, 2021, me mudei para a cidade de Guarapuava-PR. Ao atuar na universidade, alguns meses depois tive também a oportunidade de fazer parte da equipe do CAS Guarapuava¹, lugar que contribui de forma significativa para meu desenvolvimento profissional e pessoal.

O mestrado era um objetivo que tinha traçado há um tempo, ainda na graduação, quando nem me entendia enquanto pesquisador (ainda estou no processo), mas que havia guardado. Ao ter a oportunidade de atuar junto à Equipe do CAS Guarapuava, incentivado por eles e pelas conversas e discussões produtivas com Suellen, aquele desejo dormente do mestrado despertou. Após algumas tentativas, ingressei no PPGL - Unicentro, em que tenho me construído enquanto pesquisador dos Estudos Surdos.

Em síntese, a minha relação com a comunidade surda já tem sete anos de envolvimento na área e no percurso traçado até a efetivação desta pesquisa, que me desafia enquanto ouvinte a quebrar os estigmas que ainda me atravessam no tocante à surdez, e que me convida a olhar para a experiência surda e compreender de fato a maneira surda de ser.

¹O Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná - CAS Guarapuava - foi inaugurado em 28 de março de 2018. O objetivo é promover a Educação Bilíngue e valorizar a diversidade linguística dos estudantes surdos, difundindo o uso da Libras por meio de formação inicial e continuada para profissionais, bem como através da produção de materiais acessíveis aos estudantes surdos.

Resumo

Esta pesquisa reflete o protagonismo surdo e a representação da surdez em uma narrativa midiática, com o objetivo de compreender como a cultura surda tem sido evidenciada pela mídia. Os conceitos de identidade, alteridade e representação são problematizados, partindo de uma perspectiva entre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos. Os Estudos Surdos são um desdobramento dos Estudos Culturais, que discutem conceitos importantes para a compreensão da comunidade surda, como, o *Deafhood*, um conceito chave presente nos Estudos Surdos que problematiza a relação de poder entre Surdos e ouvintes, e apresenta a maneira surda de ser e vivenciar o mundo. Para discorrer acerca desses conceitos e atingir os objetivos propostos seleciona-se como objeto de pesquisa a série *Crisálida*, a primeira série bilíngue Libras – Língua Portuguesa produzida no Brasil, e que tem a Língua de Sinais como primeiro plano. Diante disso, para o desenvolvimento desta pesquisa, parte-se da seguinte questão norteadora: como *Crisálida* (2020) problematiza a representação da surdez e a construção das identidades surdas? Para a compreensão dos objetivos propostos, bem como responder à questão norteadora da pesquisa, traçamos um percurso metodológico a partir da análise da narrativa seriada, concluindo-se que a série apresenta a cultura surda e as diferentes experiências e vivências desse povo, contrapondo discursos ouvintistas e estereotipados acerca da surdez. Além disso, entende-se a relevância e o impacto social que a série causa, no sentido de desmistificar ideias equivocadas da cultura surda e contribuir para a difusão da Língua de Sinais e da surdez a partir de um viés cultural.

Palavras-chave: *Deafhood*. Estudos Surdos. Estudos Culturais. Representação. Identidade.

Abstract

This research reflects on the deaf protagonism and the representation of deafness in a media narrative, aiming to understand how the deaf culture has been highlighted by the media. The concepts of identity, alterity and representation are problematized, starting from a perspective among the Cultural Studies and Deaf Studies. The Deaf Studies are an extension of Cultural Studies, that discuss crucial concepts for understanding the deaf community, for example, the *Deafhood*, a key concept in Deaf Studies that addresses the power dynamics between the deaf individuals and hearing individuals, presenting the deaf way of being an experience the world. To discuss these concepts and achieve the proposed objectives, the research focuses on the series *Crisálida*, the first bilingual Brazilian Sign Language (Libras)-Portuguese series produced in Brazil that brings Sign Language in the foreground. Therefore, for the development of this research, the guiding question is: how does *Crisálida* (2020) problematizes the representation of deafness and the construction of deaf identities? To comprehend the proposed objectives and address the research question, a methodological approach is outline based on the analysis of serialized narrative. Through the analysis of *Crisálida*, it is concluded that the series shows the deaf culture and the different experiences of this community, countering hearing-centric and stereotypical discourses about deafness. Additionally, the relevance and social impact that the series has, in a way to demystify misconceptions about deaf culture and contributing to the dissemination of Sign Language and deafness from a cultural perspective.

Keywords: Deafhood. Deaf Studies. Cultural Studies. Representation. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rubens no consultório da fonoaudióloga com seu pai.....	78
Figura 2 - Talita se pronunciando durante a aula de Libras.....	80
Figura 3 - João relata sua experiência surda na aula.....	82
Figura 4 - Morgana apresentando-se para a mãe de Jaks.....	83
Figura 5 - Rubens sentado à mesa com seus pais.....	85
Figura 6 - Rubens na saída do teatro conversando com outros surdos.....	86
Figura 7 - Rubens quando era criança na garagem com seu pai.....	88
Figura 8 - Rubens em seu quarto conversando com o pai.....	89
Figura 9 - Gustavo apresentando o seu projeto aos donos de uma empresa.....	91
Figura 10 - Gustavo na delegacia após sofrer uma agressão.....	93

SUMÁRIO

Introdução	14
1. Contextualização histórico-política e cultural da surdez	20
1.1. Da conexão dos Estudos Culturais aos Estudos Surdos	28
1.2. <i>Deafhood</i> no campo de Estudos Surdos.....	31
1.3. Cultura Surda e Língua de Sinais: representação e resistência.....	35
2. A discussão da surdez e suas perspectivas	39
2.1. Surdez: estereótipos, estigmas e normalização.....	45
2.2. A construção da surdez enquanto diferença.....	50
2.3. A mídia como espaços de representações de e para as minorias.....	54
3. <i>Crisálida</i> e as problematizações do ser Surdo	61
3.1 As identidades surdas.....	66
3.2. O contexto de criação e produção de <i>Crisálida</i>	70
3.3. Análises e interpretações da representação da surdez na série.....	76
4. Interpretação geral de <i>Crisálida</i>	95
Considerações finais	98
Referências	101
Anexo I Roteiro para entrevista com a produtora Alessandra da Rosa Pinho	105

Introdução

O sujeito Surdo² enfrenta diversos estereótipos, seja devido à imposição da cultura ouvinte ou às representações que o retratam como deficiente ou incapaz. Como resultado, a cultura surda é impactada por essas problemáticas e apagamentos. Strobel (2008) destaca que muitos autores escrevem a respeito dos surdos, porém, questiona se realmente compreendem a realidade, a cultura deles e se conseguem verdadeiramente vivenciar a experiência de ser surdo.

Esta pesquisa busca entender a maneira como a cultura surda tem sido representada na mídia, por meio da análise da narrativa seriada intitulada *Crisálida* (2020), para, dessa forma, entender como o protagonismo Surdo é representado e como são problematizadas questões de identidade, alteridade e representação do povo Surdo, para si mesmo e para a sociedade.

Discutir as questões identitárias dos sujeitos Surdos e a maneira com que são representados é um grande desafio, pois faz-se necessário refletir a respeito de um povo com características específicas que se diferem de todas as outras culturas, que em sua maioria são orais. A existência da cultura surda precisa ser reconhecida pelos ouvintes, entretanto, para isso, é preciso deixar as crenças de que existe apenas um único conceito de cultura: “para a comunidade ouvinte que está mais próxima do Povo Surdo - os parentes, amigos, intérpretes, professores de Surdos - para eles, reconhecer a existência da cultura surda não é fácil, porque seu pensamento habitual acolhe o conceito unitário da cultura” (Strobel, 2008, p. 11).

Reconhecer a existência do Surdo como outro é um processo que envolve a desconstrução cultural de uma visão centrada na oralidade, que entende que as formas de comunicação e de cultura ocorrem exclusivamente por meio dos recursos orais-auditivos, anulando qualquer outra diferença.

Quando a cultura surda é compreendida como diferença e passa a ser aceita, há uma mudança de posicionamento, pois se reconhece a existência de várias culturas e diferentes espaços sociais pertencentes a diversos povos. O reconhecimento da cultura surda implica a valorização de sua língua, de sua

²O uso da grafia Surdo (com maiúsculo), nesta pesquisa, relaciona-se ao sujeito Surdo com identidade surda e sente-se representado pela comunidade surda, ou seja, segundo a conceitualização de Ladd (2003), Surdo refere-se ao sujeito que se entende a partir de uma perspectiva cultural, enquanto surdo (com inicial minúscula), refere-se àquele que se percebe por meio da experiência audiológica e clínica da surdez.

identidade e do modo Surdo de ser.

As discussões em torno do sujeito Surdo, nos últimos anos, estão se acentuando (Skliar, 2015). Quando se reflete a respeito das conquistas destes sujeitos, percebe-se que estão ocupando e se posicionando em diversas esferas sociais, em lugares nos quais foram privados de estar durante muito tempo. Um dos meios em que a visibilidade desses sujeitos reverbera é pela cultura de mídia que, com seus produtos e processos, torna-se um espaço de circulação de diferentes representações minoritárias (Kellner, 2001). Esses espaços oportunizam aos sujeitos Surdos um lugar em que a sua cultura, a sua língua e o seu modo Surdo de ser possam tecer representações e ganhar visibilidade, permitindo subsídios para reflexões de posicionamentos identitários, resistências e processos de estereotipação.

A busca por visibilidade e pelo direito de ser Surdo sempre esteve presente nos embates da comunidade surda (Silveira, 2008). Diversas foram as perspectivas que tentavam explicar ou reverter a surdez, além das tentativas de sanar as necessidades desse povo sem que fossem protagonistas ou estivessem à frente desses estudos e espaços. A surdez, historicamente, foi vista com um olhar do outro, que acreditava ser superior por meio da visão clínico-terapêutica (Sá, 2006). A partir desta perspectiva, não se compreendia de fato o que era Ser Surdo e, por isso, alguns posicionamentos foram adotados na tentativa de explicar a surdez.

As perspectivas em torno da surdez sempre partiam do pressuposto da correção, ou seja, os Surdos eram entendidos como sujeitos incompletos, baseados pela visão clínico-terapêutica, em que a surdez era uma doença e necessitava de reversão, visão que perdurou por muito tempo. Diante disso, diversos métodos e testes foram realizados em Surdos para que a causa da surdez fosse descoberta. Durante o tempo em que essa perspectiva esteve presente na área da surdez, ocorreu a proibição do uso da Língua de Sinais e a tentativa de normalizar os Surdos aos moldes da cultura ouvinte, pois acreditava-se que a cultura surda era inferior. A superioridade da cultura ouvinte em relação à cultura surda denominou-se ouvintismo³.

³Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o Surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. As percepções que ocorrem nesse olhar-se e narrar-se legitimam as práticas terapêuticas habituais (Martins; Klein, 2012, p.5).

A visão terapêutica da surdez só foi alterada a partir de um grande movimento da comunidade surda por maior visibilidade, pela luta em relação aos seus direitos linguísticos e para ocupar os mais diversos espaços sociais, culturais e políticos. Dessa forma, deu-se lugar para o surgimento da perspectiva socioantropológica, que entende a surdez como diferença, aceita o sujeito Surdo e respeita a sua cultura. O desenvolvimento da perspectiva socioantropológica da surdez ocorreu devido à consolidação dos Estudos Culturais, que abrem caminhos para as discussões das diferenças, dos grupos minoritários, das identidades e das questões que estão relacionadas às pessoas marginalizadas na sociedade.

Esse fator, além do espaço que grupos minoritários e pessoas marginalizadas na esfera pública passam a conquistar, impulsionam a comunidade surda a encontrar nos Estudos Surdos uma extensão das discussões abordadas nos Estudos Culturais (Fernandes; Terceiro, 2019).

Esta interseção teórica oportunizou a reflexão de conceitos que compreendem o sujeito Surdo na sua especificidade e cultura. Nesse contexto, por exemplo, se fortalece o conceito de *Deafhood*, compreendido como a maneira surda de ser, a partir de autores como Paddy Ladd (2000), Sueli Fernandes e Francisco Terceiro (2019), Cristina Gil e Joana Pereira (2019). *Deafhood* é um conceito que problematiza as relações de poder entre Surdos e ouvintes, além de remeter à ideia de descolonização⁴.

Nesta pesquisa, ao problematizar o povo Surdo às suas relações culturais e às experiências surdas, buscamos conectar as questões de identidade e diferença nas discussões de Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2005), que entendem a identidade e diferença como processos de produção simbólica e discursiva, ou seja, são processos que produzem sentidos nos acontecimentos de ordem linguística e histórica.

A construção desses processos permite uma reflexão dos discursos e acontecimentos em torno da surdez, relacionando-se diretamente com as dinâmicas de representação do sujeito Surdo e da sua cultura ao longo do tempo. Sob a perspectiva de Hall (2016), aprofundamos as discussões do conceito de

⁴ Movimento de resistência aos sistemas coloniais, ou seja, entendido como a luta contra os domínios e explorações políticas e culturais de um povo (Barros *et.al*, 2023).

representação.

Assim, a questão norteadora para desenvolvimento desta pesquisa é: de que maneira *Crisálida* problematiza a representação da surdez e a construção das identidades surdas em personagens Surdos? Como objetivo geral, nos propomos a entender como *Crisálida* discute a construção das identidades surdas em personagens surdos e quais são as possíveis identidades surdas presentes em seu enredo. Para tal intuito, temos como objetivos específicos compreender a relação entre a cultura surda e a cultura de mídia, com seus impactos na visibilidade dos sujeitos Surdos. Além disso, analisar como são problematizadas as questões de identidade, alteridade e de representação do povo Surdo, bem como a visão do outro a respeitoda surdez e a visão do Surdo de si mesmo, a partir das representações encontradas na série.

Estas problematizações permitem refletir no que tange à maneira como se tem pensado na surdez e no protagonismo dos sujeitos Surdos ao longo dos anos, sendo possível também entender como esses sujeitos estão sendo representados, se é pelo olhar cultural ou sob o olhar ouvintista. Dessa forma, se estabelece a articulação entre cultura surda, protagonismo e representação. Para atingir os objetivos propostos e melhor desenvolvimento da questão norteadora da pesquisa, adota-se a metodologia de análise de narrativa seriada, baseada nas contribuições de Azubel; Caseti (2017) e Di Chio (2013).

Crisálida, escolhida como objeto desta pesquisa, estreou em 26 de setembro de 2019, na TV Cultura. É a primeira série dramática bilíngue (Libras/Português) produzida no Brasil e, devido à grande repercussão que obteve por parte do público e da imprensa, passou a fazer parte do catálogo de um dos maiores canais de *streaming* do país, a *Netflix*⁵. Na narrativa, são retratados os desafios cotidianos enfrentados pelos Surdos em uma sociedade majoritariamente ouvinte, bem como as relações familiares, sociais e psicológicas vivenciadas pelos sujeitos Surdos. Toda a história é sinalizada, ou seja, a todo momento a Língua de Sinais é evidenciada.

A primeira temporada estreou na plataforma em 1º de maio de 2020 e ficou disponível até 30 de abril de 2023. Na narrativa, as personagens são ouvintes sinalizantes e atores Surdos, potencializando a discussão referente ao

⁵ Em contato com a produtora da série, obtivemos licença e o acesso aos episódios da primeira temporada.

protagonismo Surdo, a cultura e identidade surdas e outros aspectos inerentes ao povo Surdo.

Algumas pesquisas acadêmicas já abordaram *Crisálida* como tema, entretanto, elas focalizam em questões de cunho educacional.

Os autores Prado, Romero e Pereira (2019) mencionam a série quando ainda era um curta-metragem, e têm como enfoque a representação sonora e audiovisual, ou seja, analisam como o som pode ser representado na cultura surda. Ramos (2020) problematiza a série a partir de enfoque pedagógico, que tem como objetivo formar sequências didáticas para o trabalho junto ao aluno Surdo, enfatizando o processo de escolarização do estudante.

Os autores Rosado e Taveira (2020) propõem uma análise de alguns vídeos digitais em que a Libras tem predominância, com o foco em perspectivas visuais. Estes autores apenas mencionam *Crisálida* como uma dessas produções, pois a Libras é o foco em toda a narrativa.

Já Ataíde, Furtado e Silva-Oliveira (2020) discutem as políticas de educação inclusiva e refletem acerca da promoção da inclusão. Os pesquisadores mencionam a série quando ainda estava em fase de projeto-piloto. Nesse período, a narrativa focava na vida de um estudante Surdo chamado Rubens, que somente na juventude inicia o contato com a Libras e, a partir disso, se entende enquanto sujeito Surdo e passa a lutar contra o preconceito pelo direito de ser Surdo no contexto familiar. Azevedo e Araújo (2021) pesquisam a indústria audiovisual e discutem a acessibilidade cultural e comunicacional para pessoas com deficiência, citando a série como uma das produções acessíveis encontradas nas plataformas de *streaming* Netflix, Globoplay e *PingPlay*⁶.

Em face das pesquisas mencionadas, considera-se que este estudo é relevante ao se aproximar da perspectiva cultural e identitária da surdez, explorando diversos aspectos que são pertinentes para a discussão da representação e do protagonismo dos sujeitos Surdos, além de oportunizar a reflexão de como a surdez tem sido problematizada na cultura da mídia. A proposta fortalece a surdez enquanto diferença social, além de oportunizar maior visibilidade às questões culturais e identitárias dos sujeitos Surdos.

No primeiro capítulo, contextualiza-se o percurso histórico, político e

⁶Plataforma de filmes acessível para pessoas com deficiência visual e auditiva.

cultural traçado pelos sujeitos surdos para a efetivação de seus direitos e conquista por espaços. Além disso, situa-se a relação entre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos, e problematiza-se o conceito de *Deafhood*, que perpassa por toda esta pesquisa, com intuito de, no item seguinte, entendermos como a cultura surda e a língua de sinais podem ser vistas pelo prisma de resistência e de representação para o povo surdo.

No segundo capítulo, as discussões voltam-se para as especificidades do povo Surdo. Discorre-se acerca das diferentes perspectivas em torno do sujeito Surdo, para entendermos as diferentes representações que atribuíram aos Surdos estigmas e estereótipos que ainda se perpetuam na contemporaneidade. Neste capítulo, também se discute o processo de construção da surdez enquanto diferença, e finaliza-se abordando a relação da mídia com a luta das minorias, refletindo em como ela torna-se um espaço para diferentes sentidos e representações.

O terceiro capítulo centra-se em *Crisálida*, produto que potencializa o protagonismo Surdo e os discursos da surdez. Nesta parte, são problematizadas as diferentes identidades surdas, relacionando-as com algumas questões apresentadas na série, objetodesta pesquisa. Apresenta-se como foi o contexto de criação e produção de *Crisálida*, a partir de uma conversa realizada com a criadora e produtora Alessandra da Rosa Pinho. Finaliza-se o capítulo com as análises e interpretações encontradas na série, articulando-as com o aporte teórico desenvolvido nos capítulos 1 e 2.

1. Contextualização histórico-política e cultural da surdez

A contextualização histórica da surdez auxilia-nos na compreensão do percurso traçado pelos sujeitos Surdos, bem como para entender a construção das diferentes perspectivas discutidas no decorrer desta pesquisa. Salienta-se que, neste tópico, foram escolhidos apenas alguns recortes da complexa história deste povo, com o intuito de entendermos os retrocessos, as resistências e as lutas.

Ao refletir acerca do contexto histórico das pessoas com deficiência, percebe-se que, desde a Antiguidade, tais sujeitos têm lutado para obter o reconhecimento de seus direitos. Naquele período, eram condenados à morte, abandonados em praças públicas ou lançados de rochedos, uma vez que não se encaixavam às normas da sociedade da época, pois eram considerados incapazes de realizar qualquer tipo de atividade.

Alguns estudos apontam especificidades no tratamento dado na Antiguidade. No Antigo Egito, de acordo com Maia e Veloso (2009), os surdos eram considerados seres privilegiados e eram vistos como protegidos pelos deuses. Isso ocorria porque naquela época acreditava-se que eles mantinham uma comunicação secreta com as divindades. No entanto, apesar desse respeito e dessa crença, eles não recebiam educação. Essa perspectiva muda com o pensamento do filósofo e historiador grego Heródoto, que acreditava que os Surdos eram seres castigados pelos deuses.

Na Idade Média, a concepção de extermínio e exclusão em relação aos Surdos persistia. Eram considerados completamente desprovidos de direitos: não podiam herdar, mesmo que fossem filhos únicos, eram proibidos de se casar e de comungar na Igreja Católica, uma vez que se acreditava que não poderiam confessar seus pecados. Além disso, não recebiam um tratamento condizente com a dignidade dos cidadãos. Em Roma, as pessoas surdas eram vistas como seres enfeitiçados e castigados, o que resultava em seu abandono ou lançamento no rio Tibre, para que perecessem.

A percepção acerca das pessoas com deficiência também esteve intrinsecamente relacionada a questões religiosas (Mazzotta, 2011). Até o século XVIII, as ideias referentes à deficiência estavam fortemente influenciadas por crenças místicas e ocultas, não havia estudos científicos que fornecessem uma abordagem mais fundamentada, portanto, a compreensão das diferenças individuais

não era contemplada e nem reconhecida. Essa perspectiva reforçava a marginalização das pessoas com deficiência, considerando-as imperfeitas ou castigadas por Deus.

A sobrevivência dos Surdos era rara, apenas aqueles que eram escondidos por suas famílias ou conseguiam escapar do rio sobreviviam. Os sobreviventes frequentemente se tornavam escravos, "obrigando-os a passar toda a vida dentro de um moinho de trigo, girando a manivela" (Veloso; Maia, 2009, p. 29). Com o advento do Código Justiniano, que garantia direitos às pessoas, começou a distinção entre os graus de surdez, mas os surdos ainda não recebiam educação.

Na Idade Moderna, os surdos passaram a ganhar uma visibilidade diferente. A primeira menção à possibilidade de aprendizado por parte dos surdos surgiu no século XIV, com o advogado e escritor Bartollo Della Marca d'Ancora, que acreditava que os surdos poderiam aprender por meio da língua de sinais ou da língua oral (Veloso; Maia, 2009). Na mesma época, alguns médicos e filósofos afirmaram que os surdos tinham a capacidade de aprender. Entre eles, destaca-se o médico e filósofo Girolamo Cardano, do século XV, que entendia que "a surdez e a mudez não eram impedimentos para o desenvolvimento da aprendizagem e que o meio mais eficaz para os surdos aprenderem era através da escrita" (Veloso; Maia, 2009, p. 29). Por volta de 1560, um monge franciscano chamado Melchor de Yebra escreveu o primeiro livro chamado *Refugium Infirmorum*, que descrevia e ilustrava o alfabeto manual, livro que só foi publicado sete anos após sua morte.

De acordo com Veloso e Maia (2009), na época contemporânea, o médico e psiquiatra Jean Itard defendeu que as sensações eram a base do pensamento humano. Ele reconheceu a possibilidade de erradicar ou reduzir a surdez. A partir desse momento, a surdez passou a ser considerada uma doença e não mais uma diferença tão negativa, como era até então. Isso possibilitou a concepção de tratamento para eliminar ou reduzir esse "mal".

Itard influenciou significativamente a busca por causas visíveis da surdez. Ele aplicou várias técnicas e realizou diversas experiências, como a dissecação de cadáveres de surdos, a aplicação de cargas elétricas nos ouvidos de surdos, a perfuração das membranas timpânicas de alunos (o que levou alguns à morte), a trepanação craniana, a infecção de pontos atrás das orelhas e o uso de sanguessugas nos ouvidos. Ele também conduziu vários experimentos e publicou artigos referentes a uma técnica especial para inserir cateteres no ouvido de

peessoas com problemas auditivos, técnica que ficou famosa pelo nome de Sonda Itard.

Com base nos estudos de Itard, "o surdo começou a ser visto como doente e, assim, todas as tentativas possíveis (e impossíveis) para erradicá-lo eram consideradas válidas, o que levou ao sofrimento e até a morte" (Veloso; Maia, 2009, p. 36). Nessa busca pela eliminação da surdez, os surdos foram submetidos a todas as tentativas médicas possíveis, visando compreender as causas da surdez e até mesmo reduzi-la.

Além disso, Itard escolheu alguns alunos da escola e realizou treinamentos auditivos intensivos para que eles pudessem detectar sons, ritmos e diferenciar vogais e consoantes, com uso mecânico da repetição. Essa metodologia ajudou no desenvolvimento da fala, mas logo ficou evidente que não era uma maneira natural de se comunicar. Após dezesses anos de tentativas, experiências de oralização e reabilitação que não tiveram sucesso, ele aceitou o fato de que a Língua de Sinais era o meio pelo qual os surdos poderiam ser verdadeiramente educados. Com base nos escritos e relatos de Itard, outras descobertas foram feitas.

A partir desses estudos e muitos outros que fazem parte da história dos surdos, surgiram diferentes opiniões, algumas favorecendo a língua oral e outras a língua de sinais como meio de educação dos surdos. Sempre houve esforços para encontrar novos métodos de ensino.

Maia e Veloso (2009) apontam que, no Brasil, a visibilidade dos surdos começou em 1855, com a chegada do professor francês Eduard Huet (1822-1882), que veio ao país com a intenção de abrir uma escola para surdos. Até o final do século XV, os surdos eram considerados ineducáveis, mas novas doutrinas acerca da educação dos surdos começaram a surgir.

Em 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro, fundou-se a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto Imperial de Surdos-Mudos. Naquela época, surdos de todo o Brasil se concentravam nesse instituto para aprender. Até hoje, o INES é reconhecido como um centro de referência na educação dos surdos no país. Diversas atividades e estudos na área da surdez são desenvolvidos no instituto, incluindo a produção, o desenvolvimento e a divulgação de estudos científicos, bem como o fornecimento de apoio à Política Nacional de Educação, visando assegurar e promover o desenvolvimento pleno das pessoas surdas.

Inicialmente, o instituto adotou a língua de sinais, mas posteriormente passou a seguir o método do oralismo puro, no qual os surdos não podiam utilizar a língua de sinais de forma alguma, sendo obrigados a se comunicar oralmente. Somente anos mais tarde, incorporou os conceitos de comunicação total e bilinguismo (Veloso; Maia, 2009). A partir desse momento, a entidade passou a focar na profissionalização das pessoas surdas e realizou o primeiro curso para formação de professores que trabalhariam com surdos. O INES contou com a participação de Helen Keller, uma cidadã americana surda-cega, ícone e referência na história dos surdos.

No ano de 1957, passou a ser reconhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos, por meio da Lei Federal 3.198, de 6 de julho de 1957 (BRASIL, 1957). Nesse mesmo ano, foi instituída uma campanha a partir de um decreto, visando à educação dos surdos brasileiros. A criação marcou o surgimento da Libras (Língua Brasileira de Sinais), baseada na combinação da Língua de Sinais Francesa com alguns gestos dos surdos brasileiros. Assim, a comunidade surda começou a ganhar reconhecimento e espaço.

Além disso, com a organização dos movimentos sociais que defendiam a inclusão e visibilidade das pessoas com deficiência e a busca por reivindicar que os indivíduos com deficiência deixassem de ser vistos como seres que precisam de cura e reabilitação, a comunidade surda encontrou a oportunidade de resistir aos estigmas e visões terapêuticas que eram atribuídos a eles, lutando pelo seu direito linguístico e cultural. O reflexo desse movimento se consolida por meio de legislações que asseguram o sujeito Surdo. Em 2002, uma conquista fundamental para a comunidade surda do Brasil ocorreu, quando a Lei 10.436 (BRASIL, 2002) foi sancionada, reconhecendo a Libras como meio oficial de comunicação. Isso representou um avanço significativo para garantir os direitos linguísticos da comunidade surda, fortalecer sua cultura e promover sua língua. No entanto, é importante destacar que somente a partir do Decreto 5.626 de 2005 (BRASIL, 2005), a Libras realmente ganhou força, uma vez que esse decreto a tornou obrigatória e a incluiu nos cursos de licenciatura e Fonoaudiologia, reconhecendo-a como o meio de comunicação dos surdos.

Em 2006, teve início o primeiro curso universitário de Licenciatura em Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, com outros nove polos em diferentes estados. Em 2008, também em Florianópolis,

foi lançado o primeiro curso universitário de Licenciatura em Letras/Libras Bacharelado, voltado para a formação de Tradutores e Intérpretes de Libras.

A luta dos movimentos surdos ainda tem gerado maior visibilidade para as demandas sociais e educacionais das pessoas surdas. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei nº 13.146/2015, pode ser considerada um resultado das lutas deste movimento. Ela trata da acessibilidade nos espaços culturais e midiáticos, assegurando o respeito às questões linguísticas dos sujeitos surdos. Apesar de ainda não ser totalmente efetiva, esta legislação contempla a especificidade linguística do povo surdo, o que representa um importante avanço.

A Lei da Acessibilidade, nº 10.098/2020, também aborda aspectos que proporcionam maior visibilidade às pessoas surdas, uma vez que estabelece regras para promover a acessibilidade linguística para esse grupo, demonstrando a preocupação em respeitar essa diferença cultural dos sujeitos surdos.

Recentemente, a comunidade surda conquistou a Lei 14.191/2021, que compreende a Educação Bilíngue de Surdos como uma modalidade independente e não mais como parte da educação especial, o que reflete na compreensão do sujeito Surdo de acordo com a sua especificidade, respeitando e valorizando a sua cultura e língua. Além disso, essa legislação oportuniza aos sujeitos Surdos educação e desenvolvimento em todos os aspectos, na sua língua natural.

Esses avanços políticos interferem nas questões sociais e culturais dos sujeitos surdos, pois por meio deles são garantidos e enfatizados os direitos, além da valorização da cultura e da língua dessa comunidade que, por muitos anos, esteve totalmente marginalizada.

Diversos foram os avanços advindos das lutas travadas pela comunidade surda, entretanto, vale ressaltar que, para conquistar o reconhecimento, ao longo da história algumas abordagens de ensino narram diferentes formas de compreender a surdez, influenciando os âmbitos sociais, políticos e culturais. Esses discursos buscavam apontar a metodologia mais adequada para tratar as pessoas Surdas, muitas vezes ignorando as questões linguísticas e culturais deste povo. A forma como a educação é entendida influencia a perspectiva que a sociedade desenvolve em relação a determinados grupos, por isso, não há como se desvincular das discussões dos contextos educacionais, visto que contribuem na compreensão cultural e social que constroem

Embora o foco desta pesquisa não esteja na área educacional, compreender as diversas abordagens e experiências vividas por sujeitos surdos nesse contexto nos possibilita entender as razões pelas quais certas perspectivas tiveram tanta influência no campo da surdez.

O oralismo foi uma das concepções muito defendidas por sujeitos que acreditavam na surdez por um viés clínico. Esta concepção tem como objetivo desenvolver a língua falada nos sujeitos Surdos, pressupondo que a língua oral é essencial para o desenvolvimento integral e comunicativo da pessoa Surda.

Essa concepção buscava a normalização da surdez, ou seja, seu intuito era fazer com que as pessoas Surdas se adequassem aos modelos ouvintes, para que assim fossem reabilitadas e pudessem pertencer à sociedade.

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade (Goldfeld, 2002, p. 34).

A abordagem oralista foi adotada por muitas instituições de ensino no contexto da educação de surdos, principalmente após a sua aprovação no Congresso de Milão.⁷ Como resultado dessa abordagem, a Língua de Sinais foi proibida e o foco passou a ser direcionado para o tratamento da surdez por meios terapêuticos. Nesse período, muitos professores Surdos que ensinavam a Língua de Sinais foram dispensados de seus cargos, substituídos por profissionais ouvintes (Kalataí; Streiechen, 2012).

As consequências do oralismo não repercutiram apenas no âmbito educacional, mas afetaram também as áreas social, cultural e cognitiva dos sujeitos Surdos. Como esta abordagem utiliza de técnicas que consistem em treinamentos auditivos, desenvolvimento da fala e leitura labial, para o sujeito surdo elas tornavam-se difíceis ou até mesmo impossíveis, por não disporem dos recursos auditivos, impossibilitando a assimilação e compreensão das palavras.

Assim, os Surdos não tiveram nenhum desenvolvimento, o que resultou em seu isolamento cultural, visto que não podiam estabelecer uma comunicação por meio da Língua de Sinais, e também não compreendiam por meio dos métodos

⁷ Retornaremos às discussões em torno do Congresso de Milão no início do capítulo 2, mais especificamente na página 32.

adotados, ocasionando em falta de interação, comunicação plena e aprendizado. Essa abordagem perdurou por mais de cem anos, o que significa um século de atrocidades e de privação linguística e cultural para os sujeitos Surdos, levando-os a serem analfabetos e estarem à margem da sociedade.

Por não apresentar nenhum progresso no desenvolvimento linguístico, afetivo, cognitivo e de linguagem aos sujeitos Surdos (Lacerda, 2013), outra abordagem foi pensada, a Comunicação Total. Trata-se de uma abordagem que propõe o ensino e a comunicação por meio de diversos recursos de forma simultânea, ou seja, a oralidade, a sinalização e o uso de sinais, para equivaler à língua oral.

A ideia dessa filosofia é que os surdos consigam se encaixar no modelo do ouvintismo, criando assim uma política de assimilação em que os professores utilizam a língua de sinais como ferramenta para o aprendizado da língua oficial do país, a língua portuguesa, destacando o desenvolvimento da escrita e da leitura e desvalorizando a riqueza e o valor linguístico e cultural dos surdos (Lacerda, 2013, p. 39).

Essa abordagem não considera a surdez como uma patologia que necessita ser corrigida, mas leva em conta a surdez do sujeito como uma marca que influencia as relações sociais, afetivas e cognitivas. Apesar de considerar as especificidades da surdez, não tem uma preocupação acentuada nas questões linguísticas e culturais do povo surdo.

O foco não está nos aspectos que constituem uma identidade cultural surda, mas sim em diferentes maneiras de estabelecer comunicação e aprendizagem. Sua forma de abordar as estratégias possíveis de comunicação não teve o resultado esperado e, por isso, foi alvo de muitas críticas, considerando que priorizava o desenvolvimento da escrita e leitura.

A Comunicação Total também não surtiu resultados satisfatórios, visto que a sua abordagem defendia o uso simultâneo das duas línguas: a fala e os sinais (bimodalismo) e por serem duas línguas distintas e com estruturas diferentes dificultava a aprendizagem dos alunos (Kalatai; Streiechen, 2012, p. 7).

Esta abordagem não contrapõe o oralismo, mas se consolida como um complemento, que defende o uso da fala e da língua de sinais ao mesmo tempo. Por esse uso simultâneo de línguas com modalidades diferentes, os Surdos encontraram dificuldades na compreensão e por isso não se consolidou.

Diante da não efetivação da Comunicação Total, outra abordagem buscou métodos que respeitassem a especificidade das pessoas surdas e valorizassem a sua cultura, o Bilinguismo. Este surge como um modelo metodológico que defende o trabalho com duas línguas, a Libras e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, no caso do Brasil (Lacerda, 2013).

Esta abordagem enfatiza que o sujeito Surdo dispõe do aprendizado por meio do canal visual e, quando exposto a diversas metodologias ao mesmo tempo, como na Comunicação Total, sente dificuldades na apropriação de conteúdos. O surgimento do bilinguismo ocorreu a partir da luta da comunidade surda e suas reivindicações em prol de uma metodologia que respeitasse a sua língua e sua forma de experienciar o mundo. Ele parte da premissa de que o Surdo deve adquirir a Língua de Sinais como sua primeira língua - L1, pois a considera o meio natural de comunicação dele e a Língua Portuguesa escrita é a segunda língua - L2.

Nesse contexto, constata-se a preocupação em respeitar as especificidades linguísticas e culturais dos sujeitos Surdos. Além disso, desempenha um papel crucial na vida das pessoas surdas, permitindo uma comunicação eficaz e o acesso ao conhecimento, possibilitando o desenvolvimento cultural e identitário dos sujeitos surdos que, ao sinalizar, conectam-se a partir das histórias que narram e de características que apresentam em comum.

Os diferentes discursos que tentaram narrar a existência do sujeito Surdo criaram concepções que o entendiam enquanto sujeitos que precisavam ser normalizados. Sabe-se que muitos foram os avanços na concepção que se tem sobre o Surdo, fruto das resistências e lutas do movimento organizado pela comunidade surda. Apesar das adversidades, permaneceu firme no uso de sua língua para manifestar a sua cultura e maneira surda de ser.

Os espaços e as concepções da surdez caminham em direção à sua compreensão cultural, respeitadas as questões linguísticas, culturais e identitárias, porém, as lutas e as resistências contra discursos que ainda advêm de teorias oralistas continuam, para que as políticas públicas conquistadas possam de fato efetivarem-se em todos os âmbitos.

1.1. Da conexão dos Estudos Culturais aos Estudos Surdos

Os Estudos Surdos são um desdobramento dos Estudos Culturais em educação, campo de pesquisa que tem como objetivo mudar a visão colonialista a respeito dos grupos minoritários (Fernandes; Terceiro, 2019), buscando ressignificá-los ao inverter a questão epistemológica da surdez vista como deficiência e anormalidade. A articulação entre esses campos permite uma perspectiva de pesquisa que discute a representação do sujeito Surdo de uma maneira consistente, e em consonância aos estudos que defendem os direitos linguísticos e culturais do povo Surdo.

Propõe-se, neste tópico, discorrer a respeitosa articulação entre os dois campos, contextualizando como a surdez é entendida. Na perspectiva dos Estudos Surdos, estão representados e inseridos conceitos-chaves da surdez, configurando uma área em construção (Fernandes; Terceiro, 2019). As conexões entre cultura surda, identidade surda, povo Surdo, comunidade surda, representação, identidade, diferença e cultura de mídia possibilitam olhar a comunidade surda em sua totalidade. O aprofundamento dos estudos em torno dessas terminologias permite a compreensão das representações do protagonismo Surdo e de sua cultura em um produto midiático.

Os Estudos Surdos constituem um campo interdisciplinar em que estão articulados conteúdos, críticas e metodologias da antropologia, estudos culturais, literatura, história, filosofia, arte, cinema, estudo de mídia, arquitetura, psicologia, geografia humana, política e estudos dos direitos humanos (Lopes; Thomas, 2017), a fim de discutir as diferentes vertentes e as características que compõem a formação identitária de um sujeito e o grupo social ao qual pertence. Por meio desses estudos, a concepção dos Surdos como usuários de uma língua e membros de uma cultura minoritária é intensificada. Além disso, buscam inverter a questão epistemológica da surdez vista como uma patologia que necessita ser reabilitada.

As concepções dos sujeitos Surdos emergem de diversas teorias, dentre elas, destacamos as que são concentradas nos Estudos Surdos, que avançam como um espaço de investigações e se impulsionam conforme entram em contato com as perspectivas que consideram a surdez e suas características como diferença.

De acordo com Perlin e Strobel (2009), a presença de teorias conectadas aos

Estudos Culturais, ao pós-colonialismo⁸, ao pós-estruturalismo⁹ e ao pós-modernismo¹⁰ são fundamentais para a história do povo Surdo, pois a partir delas há um novo olhar que consolida a política e a diferença na luta do povo Surdo. É o contato com elas que traz uma perspectiva cultural para a surdez, considerando as especificidades e maneiras de compreender o mundo.

As teorias que se constituem nos Estudos Surdos promovem uma ruptura nas concepções que caracterizavam a surdez de uma forma estereotipada, e dão margem para as discussões referentes à diferença, afastando-se de concepções que a consideram como uma patologia. Quando as discussões da diferença partem do viés dos Estudos Surdos, Skliar (2015) enfatiza que se atribuiu uma significação política, ou seja, entende-se como um processo de resistência aos poderes e saberes dos discursos dominantes, que buscam mascarar a normalização e, “no geral, mascaram e neutralizam as possíveis consequências políticas, colocam os outros sob um olhar paternalista e se revelam como estratégias conservadoras para ocultar uma intenção de normalização” (Skliar, 2015, p. 5).

Por isso, não se utiliza nessas discussões a diferença como um simples termo, mas se delinea sua significação política:

a diferença como significação política é constituída histórica e socialmente; é um processo, é um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistência às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação da alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante (Skliar, 2015, p. 6).

A problematização da significação política da diferença também pode ser entendida como a construção identitária e cultural do povo Surdo que, por meio das resistências aos discursos dominantes, se impõe e se expressa conforme as suas especificidades, gerando um processo de não conformidade ao olhar distorcido do outro em relação à sua maneira surda de ser.

Quando esses estudos focam na realidade das comunidades surdas, elas passam a ser percebidas como um grupo minoritário, que possui características muito específicas de ser e experienciar o mundo. A constituição dos Estudos Surdos e sua aproximação com os Estudos Culturais dão margem para a reflexão

⁸ Refere-se ao movimento de resistência aos sistemas coloniais, ou seja, uma luta contra as dominações e explorações políticas e culturais de dominadores (Barros *et.al*, 2023)

⁹ Movimento que buscou descentralizar as estruturas, a sistematização e a pretensão científica. Defende a diferença que se manifesta na cultura, política e outras esferas (Piassa; Araújo, 2021)

¹⁰ Considerado o resultado de movimentos intelectuais que questionam as bases do pensamento iluminista e do poder contra culturas marginalizadas (Piassa; Araújo, 2021).

das questões culturais e identitárias que envolvem uma minoria linguística e, diante disso, o conceito de cultura surda passa a criar força e legitimar uma visão da pessoa Surda como um indivíduo completo (Gil; Pereira, 2019), desvinculando-se totalmente da ideia de um sujeito anormal, com falhas e que necessita de correções.

A consolidação dos Estudos Surdos se deu a partir de outros campos teóricos, que buscam entender o sujeito com identidades múltiplas e multifacetadas (Perlin, 1998). Além disso, as perspectivas teóricas passam a problematizar aspectos que não eram considerados, como cultura, identidade e diferença, buscando desconstruir a representação dominante que controlava as questões culturais, identitárias e linguísticas, e não propiciava oportunidades para outras abordagens que não estivessem em consonância com a ideologia defendida.

Oportunizar a abertura de espaços para que as representações dominantes fossem criticadas foi o caminho para que a cultura surda não fosse mais vista por um olhar ouvicêntrico, mas cultural. Como destacam Perlin e Strobel (2009, p. 28), “este procedimento dos Estudos Culturais em relação à cultura permite narrar e descrever com outras ferramentas teóricas os caminhos da educação”, ou seja, encontra-se a possibilidade de conectar campos teóricos que compreendem a diferença como um aspecto positivo, que precisa ser valorizado. A partir do surgimento deste campo de pesquisa, uma série de discursos em relação à representação do outro emerge, envolvendo diferentes formas de subjetividade, além de produzirem sistemas de significação por meio dessas representações. São valorizações em relação à cultura do sujeito Surdo, permitindo a este povo descrever posições, procedimentos e culturas como Surdos de fato (Perlin; Strobel, 2009). Simultaneamente, propõem reflexões em torno das diferenças, problematizando a identidade e alteridade como processos de produção social. Tais articulações permitem entender o campo de lutas por representações e produções de significados, muitos dos quais se tecem em narrativas midiáticas como *Crisálida*. A articulação entre as perspectivas dos Estudos Surdos e Estudos Culturais auxilia na identificação da real luta dos Surdos, trazendo novos olhares e narrativas a respeitada surdez, agora como identidade cultural e diferença política.

1.2 *Deafhood* no campo de Estudos Surdos

As pesquisas desenvolvidas pelo estudioso e ativista britânico surdo Paddy Ladd abrem um amplo e multifacetado campo teórico de investigações. Suas contribuições foram importantes para se repensar a surdez sob o viver cultural e para dar existência ao ser surdo, considerando sua experiência, protagonizando-o e oportunizando suporte para as resistências.

O autor problematiza os processos de colonização a que os surdos foram submetidos, caracterizando como opressão oralista as experiências realizadas por audiologistas, médicos e pedagogos que defendiam os métodos oralistas. Ao ilustrar as disputas epistemológicas da surdez, o pesquisador descreve os surdos em um prédio, onde por todos os cantos e paredes estão dispostos os processos de colonização dos surdos. Enfatiza que por trás dessas paredes existem artefatos culturais que abordam a surdez por outra narrativa, contrapondo a ideia de serem normalizados. A proposição desta metáfora consiste em sair da sala, para que se perceba a surdez a partir de uma visão cultural.

Nesse sentido, consideramos relevante a conceitualização do termo *Deafhood*, criado em 1990, por Paddy Ladd. O conceito pode ser compreendido como a maneira surda de ser, é um conceito guarda-chuva que problematiza as relações de poder entre surdos e ouvintes. Além disso, remete à ideia de descolonização do povo surdo.

Em síntese, se nos fosse permitido sugerir uma expressão (não uma tradução) para o sentido principal que *Deafhood* suscita, nossa proposta seria 'existência surda'. Uma existência surda coletiva, transhistórica, em movimento e transformação constante, a depender dos interesses, da correlação de forças, da maior ou menor capacidade de enfrentamentos dos significados e sentidos atribuídos aos surdos e à surdez, em cada momento histórico (Fernandes; Terceiro, 2019, p. 14).

O conceito em desenvolvimento no campo dos Estudos Surdos suscita entender os aspectos culturais da surdez e traz o surdo como protagonista do processo de construção identitária, pois tem sua cultura e modo de ver o mundo compreendido. Discutir o conceito *Deafhood* contribui para o entendimento da cultura surda. Além disso, é uma ferramenta conceitual que permite pensar na descolonização do povo Surdo, por meio da consciência de que historicamente muitas gerações de surdos viveram um processo de colonização.

Este conceito retrata a descoberta de uma nova identidade cultural e

coletiva que foca nas experiências das comunidades surdas (Fernandes; Terceiro, 2019). Por ser considerado uma categoria política e conceitual, impacta as construções discursivas do campo dos Estudos Surdos e fortalece a luta das comunidades surdas pela garantia de direitos linguísticos.

Deafhood não é apenas um tornar-se surdo, mas caracteriza também as opressões ouvintistas que as comunidades surdas enfrentam, que resistem às tentativas de destruição da sua existência.

O que significa identidade surda para cada grupo em cada uma das gerações surdas não tem um sentido fixo e estável, mas o conteúdo epistemológico ou ontológico da explicação de cada homem, mulher e criança sobre o que significa ser surdo e estar no mundo (para si e para o outro) é o que deve ser considerado como *Deafhood* (Fernandes; Terceiro, 2019, p.16).

Deafhood é o envolvimento de pessoas nas experiências interculturais de gerações. O conceito desenvolvido na pesquisa de doutorado de Paddy Ladd toma um desdobramento relevante, no sentido de que esta linguagem desperta a consciência política e o empoderamento dos sujeitos Surdos para se materializar em consonância com os Estudos Surdos, ressoando em suas lutas.

Ele atua como forma de incentivar a consciência e produzir ativismo político do surdo, além de defender a maneira surda de ser e de buscar a reparação da colonização sofrida historicamente. A articulação entre Estudos Surdos e *Deafhood* potencializa a criação de narrativas que valorizem a existência surda e propõem a ruptura dos diversos discursos com bases terapêuticas sobre a surdez.

Crisálida, como um produto midiático, parte do pressuposto de romper com os discursos que buscam invalidar a cultura surda, quando nela são apresentadas diferentes visões da surdez que, ao longo da narrativa, são destruídas. A série busca potencializar a cultura surda, atuando como um espaço em que o sujeito Surdo é protagonizado e representado por meio de situações do cotidiano que o levam ao enfrentamento e à superação por meio da resistência e das construções identitárias.

A narrativa também busca desenvolver a desconstrução dos estigmas e da colonização sofridos pelos Surdos e presentes em alguns discursos da atualidade, quando apresenta situações que escancaram esses estigmas, mas simultaneamente contrapõe, no enredo, experiências dos Surdos que conduzem a uma visão socioantropológica compreensiva. *Crisálida* concretiza o conceito

Deafhood, que expressa o modo de ver e empoderar as pessoas surdas, tirando-as da submissão e trazendo-as ao protagonismo, com o intuito de que se sintam orgulhosas pelo fato de serem surdas.

Outro ponto importante do conceito é a ideia de se contrapor ao termo “surdez”. Entende-se que este termo é utilizado por médicos para representar a experiência do Surdo além da categorização de deficiente auditivo (Rizzi; Guimarães, 2019). A adoção do termo surdez não mais caracteriza a existência do sujeito Surdo, foi a partir disso que *Deafhood* surgiu, mas não como um conceito limitante, que encaixaria o Surdo apenas em uma definição. Além disso, representa as mais diversas influências que contribuem para a construção das diferentes identidades que atravessam o sujeito.

Quando refletimos no que se refere à existência do ser Surdo, há que se considerar todas as relações às quais o sujeito está exposto desde o seu nascimento, “a experiência do Surdo não pode continuar restrita a um diminutivo de ‘surdez’, por isso *Deafhood* busca englobar as dimensões culturais, sociais e representativas da comunidade Surda” (Rizzi; Guimarães, 2019, p. 2). *Deafhood* se constitui a partir das relações que o Surdo encontra, ou seja, as conexões que ele estabelece e a experiência ao decorrer da vida determinam a sua existência e constroem as suas identidades. O meio, as pessoas e as situações são fatores consideráveis para a construção do Ser Surdo.

Há também uma relação de autopercepção, no sentido de que, ao se relacionar com outros sujeitos, o ser Surdo percebe que algumas características não fazem parte da sua realidade e, dessa forma, vai se construir enquanto sujeito com distinções dos demais, sem que isso seja um fator negativo ou limitante. Quando o Surdo, em contato com ouvintes, percebe a cultura ouvinte e se dá conta de que algumas características não fazem sentido a ele. É nesse momento que ele delinea a sua identidade enquanto surdo: “nós surdos nascemos num povo de ouvintes e nos transformamos em surdos” (Perlin, 2003). É nesse processo de autopercepção que a existência surda e a identidade são construídas (Ladd, 2013).

Além disso, propõe-se também uma mudança de perspectiva, no sentido de olhar e aprender com a experiência do outro (Ladd, 2013). A conexão é entendida como positiva, no intuito de ressignificar a existência do Surdo de ser e estar no mundo, deixando ao esquecimento os prejuízos causados por uma visão oralista. Experiência é um processo que atravessa o sujeito Surdo e, a partir disso, ele vai

se transformando e se construindo.

A respeito da experiência surda, os autores Skliar (2015) e Perlin (2013) apontam três aspectos pertinentes. O primeiro é a experiência que o surdo faz no contato com a essência com outro surdo. Nesta conexão, a identidade se constrói por meio das relações com outros sujeitos que já se compreendem como Surdos. Ele se identifica, se percebe e se constrói, “ato que permite colocar a questão não resolvida das identidades nunca prontas, fragmentadas, em continuar construção, em uma temporalidade do deslocamento cultural” (Perlin, 2003, p. 99).

O segundo aspecto é a experiência no ato de o Surdo dar de sua experiência, que diz respeito à necessidade de se ter outro Surdo como referência, para então passar pelo processo de estar sendo ou vir a ser surdo. Nesse sentido, a identidade estabelece uma relação de dependência, em que se faz necessário outro semelhante.

O terceiro aspecto é a experiência simplesmente transformada em resistência, dá origem ao reposicionamento das identidades transculturais, uma experiência que evidencia que somos multiformes plurais, visto que acontecem inclusive outras trocas, como no caso de hibridismos.

No episódio 4 de *Crisálida* (sequência 04' 22" - 05' 23"), é possível identificar um exemplo da construção da identidade surda por meio da experiência. Em um diálogo com Viviane (Tainá Froner), a personagem Vera (Milena Moraes) se depara com o local onde ela e seu filho Rubens tiveram o primeiro contato com a Libras.

Os dois caminhavam pela calçada quando um grupo de pessoas utilizando a Língua de Sinais passou por eles. Observando essa situação, Rubens ficou curioso em relação à comunicação utilizada por aquelas pessoas surdas, identificando-se com a forma de interação que presenciou. Nesse contexto, evidencia-se o segundo aspecto da experiência, que se refere à importância de estabelecer conexões com outros indivíduos, sujeitos Surdos, pois a presença de um referencial semelhante desempenha um papel fundamental na construção da identidade surda.

Essas experiências contribuíram para a construção do ser surdo, do *Deafhood*. Elas são o resultado de um processo histórico, cultural e político no qual são cruzados discursos e em que se estabelece a construção de identidades e da maneira surda de ser.

1.3 Cultura Surda e Língua de Sinais: representação e resistência

A cultura sempre foi importante em diferentes segmentos:

no estudo das linguagens, a literatura, as artes, as ideias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosas, construíram o conteúdo fundamental, embora a ideia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados uma cultura não foi uma ideia tão comum como poderíamos supor (Hall, 1997, p.1).

Há um processo de significação pelo qual a cultura passa, por meio de sistemas de representação, ou seja, sistemas de conceitos ou mapas conceituais que nos permitem dar sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências ou por uma série de características entre as pessoas, coisas, objetos, ideias. É por meio destes sistemas que conseguimos tecer referências, sejam concretas ou abstratas.

Além disso, carregamos um conjunto de representações e conceitos mentais que são correlacionados neste sistema com a ordem dos objetos, das coisas e seus acontecimentos (Hall, 2016, p. 34). É nesse conjunto de representações que a significação ocorre, entendendo a cultura como uma prática.

Hall (1997) aponta que é por meio da cultura que a luta pela significação se insere, pois nela são fixados e negociados os significados, tornando-se cada vez mais simbólicos. Nessa perspectiva, compreende-se que a cultura é dinâmica e imprevisível:

[...] não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural (Hall, 1997, p. 20).

Partimos também do pressuposto de que a cultura é formada por meio da linguagem, que é comum a determinado grupo de sujeitos. Eles se identificam e constroem sentidos a partir das experiências que partilham, construindo significações. A Cultura Surda, neste contexto, está relacionada à crença de que as comunidades surdas têm seus modos de vida próprios, que são mediados por meio da língua de sinais.

Strobel (2008) salienta esta conexão entre cultura e pertencimento, pois as pessoas dão sentido e interpretação ao mundo de formas semelhantes, gerando

aproximações e subjetividades. Ao discutir a cultura surda, são perceptíveis as questões que unem o povo Surdo. A língua é um dos exemplos perceptíveis que reforça a ideia de pertencimento do Surdo. Por meio de questões linguísticas, cultura e identidade se fundem de maneira única e completamente visual.

A língua seria o exemplo da linguagem em comum, ou seja, uma semelhança, que faz com que, a partir das trocas de conceitos e sentidos, ela seja compreendida pelo povo Surdo. A linguagem é entendida também como um sistema de representação, que está envolvido no processo de construção de sentido: “a linguagem se apresenta, portanto, como o segundo sistema de representação envolvido no processo global de construção de sentido” (Hall, 2016, p. 36). Essa produção de sentido pela linguagem constrói a cultura.

Considera-se também que, nesse processo de construção cultural, além da linguagem, a ação social é um fator diferenciador:

A ação social é significativa tanto para quem disse que a praticam quanto para os que observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (Hall, 1997, p. 16).

Os sistemas são responsáveis por dar sentido para nossas ações, os indivíduos são seres interpretativos e que criam sentidos (Hall, 1997); por meio deles é possível compreender as significações de outros e dessa forma constituir as diferentes culturas.

Quando os significados são partilhados, os sentidos são atribuídos e, pela linguagem, que funciona como um meio de representação, são identificados os sujeitos. É uma maneira de fortalecer a sensação de pertencimento, com o intuito de legitimar a identidade social e cultural. Quando a cultura surda é valorizada e entra em embate com as opressões ouvintes, produz-se uma ação que busca superar algumas ideias pré-concebidas em relação à surdez. Além disso, os Surdos passam a lutar contra a invisibilidade, afirmando-se enquanto cidadãos. Assim, a cultura surda pode ser compreendida também como um campo de forças subjetivas que dão sentidos ao grupo, produzidos pela linguagem.

Os sentidos produzidos pela cultura majoritária influenciam na interpretação da construção social da surdez, levando à valorização de um modelo ouvinte, que busca uma imposição, ainda que sutil, para que os Surdos percam a sua

subjetividade. Os poderes são exercidos para enfraquecer a identidade dos Surdos como tal, para que seja assimilada, disfarçada, torne-se invisível (Sá, 2006, p.1). Nesse contexto, a cultura surda se recria, devido aos embates que trava com a cultura ouvinte.

Alguns estudos realizados por Paddy Ladd (2013) trazem uma significativa contribuição à consolidação dos Estudos Surdos, discutindo a existência de um novo conceito de cultura surda, em que é possível olhar para o sujeito Surdo pelo viés de outras culturas minoritárias e de discursos multilíngues. Karin Strobel (2008) também discute a cultura surda, elencando aspectos e experiências relativas que nos fazem refletir acerca deste mundo a partir da perspectiva de um sujeito Surdo. Entre os conceitos, são elencados a cultura surda, a comunidade surda, o povo Surdo, o surdo/Surdo, ouvintismo e oralismo, que estão intrínsecos à cultura deste povo.

As comunidades surdas constroem campos de força por meio de práticas e experiências culturais para resistir às tentativas de ocultação da cultura dominante. Nesses embates, os Surdos buscam manter a Língua de Sinais viva e a cultura surda intacta da homogeneização da cultura ouvinte (Silva, 2005). Pode-se compreender a cultura como um campo de forças que organiza os grupos, no sentido de que compartilham interpretações, significados e representações. As resistências nestes campos de força ocorrem, sobretudo, pela Língua de Sinais, que é o meio de expressão e de comunicação do povo Surdo: “a língua de sinais se apresenta como o elemento constituinte da diferença cultural, linguística, social e identitária dos Surdos” (Alcântara; Neto, 2020, p. 261).

A Língua de Sinais como uma ação de resistência é um fator potencializador, pois sua forma visual revela o sujeito Surdo, além de desenvolver o sentimento de pertencimento: “a surdez é invisível, mas a língua de sinais é visível. Quando conversam em uma língua de sinais, as pessoas são facilmente vistas pelas outras e despertam curiosidade...” (Quadros, 2019, p. 152).

Outro ponto importante a se ressaltar concernente à Língua de Sinais é que ela contribui para a construção do conhecimento de mundo e na estruturação do pensamento, pois forma representações. Ao considerar as diferentes interações que a Língua de Sinais e o pensamento promovem, construindo-se nas interações sociais, a cultura surda se posiciona como um campo de forças que desmistifica as ideologias que tentam negar a existência de uma cultura surda

(Alcântara; Neto, 2020).

A cultura surda e a Língua de Sinais são formas de resistência do povo surdo, visto que esses são aspectos peculiares e intrínsecos aos sujeitos Surdos, demarcam características, costumes e ideias distintas e identitárias deles. Alguns desses aspectos da cultura surda podem ser percebidos na série que é objeto desta pesquisa. Por exemplo, no episódio 1 (sequência 05' 15 " - 05' 23"), o professor Surdo Miguel (Alexandre Bet), para chamar atenção de seus alunos, apaga e acende as luzes da sala, utilizando uma estratégia visual que é específica da cultura surda.

2. A discussão da surdez e suas perspectivas

A estigmatização em torno da surdez foi se tornando uma verdade inquestionável, a ponto de ela ser entendida como uma patologia que necessitava ser revertida. Os discursos acerca da concepção de surdez influenciaram em compreensões errôneas a respeito do sujeito Surdo. Ao se referir ao contexto histórico da cultura surda, Strobel (2008, p.11) salienta que “ao analisarmos a sua história, vê-se que ela foi marcada por muitos estereótipos, seja através da imposição da cultura dominante, ou das representações sociais que narram o povo surdo como seres deficientes.”

Os apontamentos da autora servem de base para refletir no tocante às diferentes perspectivas que narram a surdez, observando como esses olhares impactaram na construção identitária e de representação das pessoas Surdas. Como apontado no capítulo anterior, as representações têm um papel central nas práticas sociais (Skliar, 2015), pois podem produzir efeitos de poder e controle, influenciando na maneira como as coisas são pensadas, sem considerar outras formas de pensamento.

Muitos foram os discursos que, ao longo do tempo, discutiram a surdez, exercendo sobre ela um controle e poder, no sentido de que eram os ouvintes que ditavam como seria a existência dos Surdos. Esses discursos tiveram tanta influência que impactaram em diversas áreas, como a Pedagogia, a Medicina, a Linguística, dentre outras que buscavam entender e explicar a surdez.

As crenças do passado e a falta de desenvolvimento científico em relação à diferença reforçaram a ideia de que a surdez incapacitava o sujeito e, com isso, ele era privado de seus direitos, além de serem vistos como seres imperfeitos que eram castigados por forças divinas. A sociedade da época os via como insensíveis, sem raciocínio, não educáveis e um incômodo (Veloso; Maia, 2009), o que os levava a serem abandonados e até mesmo mortos.

Observamos que a temática da surdez foi encarada por meio de uma perspectiva permeada por crenças de natureza místico-religiosa, com discursos que desvalorizam e ameaçam a existência dos indivíduos surdos. Entretanto, esse cenário passa por mudanças na Idade Moderna, quando alguns estudiosos passaram a adotar uma abordagem diferenciada em relação aos Surdos, buscando compreender a surdez sem recorrer à sua medicalização. Esses

pesquisadores demonstraram interesse em explorar as questões associadas à surdez de uma outra forma, entendendo que era possível educá-los. Os discursos referentes aos Surdos passam a ter outra configuração: “a surdez e a mudez não eram o impedimento para desenvolver a aprendizagem e que o meio melhor dos surdos aprenderem é através da escrita” (Veloso; Maia, 2009, p.29).

Nesse período, houve uma série de mudanças sociais, políticas, econômicas e intelectuais que desafiaram as estruturas tradicionais de poder, conhecimento e cultura, incentivando um pensamento mais crítico e uma visão mais pluralista do mundo, oportunizando o surgimento de outra percepção do sujeito Surdo. Autores, médicos e professores passaram a discutir a surdez na tentativa de compreendê-la, o que contribuiu para a construção histórica do povo surdo, bem como a compreensão da possibilidade de comunicação por meio de uma língua visual, influenciando na criação de um método que ilustrava o alfabeto manual. As estratégias foram se alterando, a fim de respeitar a forma com que esses sujeitos conseguiam se comunicar.

O reconhecimento do sujeito Surdo como usuário de uma língua visuo-espacial para a comunicação se efetivou por meio de estudos e pela criação de métodos baseados em ensinamentos visuais. A Língua de Sinais obteve reconhecimento no campo da educação, com a criação de escolas e perspectivas que a consideravam como um meio eficaz de comunicação dos sujeitos Surdos, através das línguas gestuais.

A visão negativa da surdez começa a se enfraquecer e o processo de aceitação do povo surdo se fortalece, embora os discursos acerca da surdez sob a perspectiva clínico-terapêutica ganham força novamente. Como apontado no capítulo 1, partindo da premissa de que as sensações eram a base para o pensamento humano, Jean Itard, médico contemporâneo, propôs a erradicação ou diminuição da surdez, influenciando a crença nela enquanto deficiência passível de tratamentos e correções.

O fortalecimento desse discurso trouxe novamente a alusão do sujeito Surdo como deficiente. Além disso, nas diversas tentativas de reversão da surdez, esses sujeitos eram expostos a todos os tipos de experimentos possíveis, sem considerar os riscos e malefícios que esses testes, treinos auditivos e cirurgias poderiam causar aos Surdos.

Após as mais diversas tentativas e experimentos de oralização sem

sucesso (Strobel, 2008), percebeu-se que era melhor voltar aos treinamentos auditivos, sem a presença de testes pois, “após tantas exaustivas e fracassadas experiências, cansou de se exceder em vários conhecimentos clínicos tentando curar a surdez, voltou para aspectos educacionais e continuou o trabalho com treinamentos auditivos em sujeitos surdos no Instituto Nacional de Paris” (Strobel, 2008, p. 99).

Os testes, os experimentos e até mesmo os métodos que pautavam as discussões do surdo foram idealizados pelos ouvintes e não se oportunizou aos Surdos uma chance de se posicionar e escolher qual a maneira mais adequada de interação e comunicação. Dessa forma, constata-se a influência e o poder do discurso, como Skliar (2015) aponta em relação ao papel essencial nas práticas sociais que podem interferir diretamente na maneira de viver dos sujeitos, pois havia o controle e o poder exercidos pelos ouvintes nos sujeitos Surdos. A posição superior que os ouvintes ocupavam auxiliava na proliferação desses discursos, facilitando a aceitação de crenças como verdades únicas, sem considerar o espaço e a voz do outro.

A Língua de Sinais passou a ser entendida como meio de comunicação e aprendizado dos sujeitos Surdos. Entretanto, numa perspectiva oralista, nas tentativas de invalidá-las (por acreditar que os Surdos não se desenvolveriam, se adquirissem a Língua de Sinais), um grupo de ouvintes defensores dessas práticas oralistas organizou-se para promover em 1880 o Congresso de Milão, na Itália. O objetivo do evento era discutir os melhores e mais adequados métodos para o desenvolvimento dos sujeitos Surdos. Vale ressaltar que, naquela época, as discussões e os métodos pautados giravam em torno do viés educacional, pois se pensava muito no processo de educação dos sujeitos e as problematizações dos Estudos Surdos ainda não faziam parte dessas discussões.

Pautado na visão oralista, o Congresso de Milão, como ficou conhecido esse evento, impactou diretamente a vida dos povos surdos, pois a partir dele se instaurou o sistema oralista, que determinou a proibição das Línguas de Sinais a nível mundial. Segundo Veloso e Maia (2009), o evento contou com a participação de representantes ouvintes da França, Itália, Bélgica, Canadá, Rússia, Suécia e dos Estados Unidos, e Reino Unido, e apenas um surdo representando toda a comunidade e a Língua de Sinais.

A intenção do congresso não foi discutir diretamente os métodos de ensino

para as pessoas surdas (Veloso; Maia, 2009). O objetivo era fortalecer ainda mais a ideia de que a oralização era o método mais adequado de ensino e a Língua de Sinais deveria ser extinta. Esse período ficou conhecido como império oralista e durou mais de cem anos, até que a Língua de Sinais começasse a ser valorizada novamente.

Ao relacionarmos os acontecimentos desse congresso com as questões culturais as quais discutimos, entende-se que a proibição do uso da Língua de Sinais refere-se ao enfraquecimento da cultura e identidade surda, visto que ela é um dos artefatos culturais¹¹ da comunidade surda, que os une e os faz se identificarem enquanto povo pertencente a uma minoria linguística e cultural. Nesse sentido, o Congresso de Milão foi marcante para a comunidade surda, ao reforçar a ideia, ainda que de maneira implícita, de que os povos surdos deveriam ser normalizados e ter sua cultura extinta.

A série *Crisálida* apresenta referências a respeito desse acontecimento histórico para a comunidade surda, mostrando que ainda hoje pessoas disseminam e acreditam nesses discursos oralistas. O personagem Rubens (Cleiton Cesar Antunes), no episódio 3 (sequência de cenas 16' 14" - 17' 00"), relembra de situações em que era exposto à oralidade, e comenta que alguns discursos ainda são como na época do Congresso de Milão.

A surdez historicamente tem sido abordada por meio de duas amplas perspectivas: a Clínico-Terapêutica e a Socioantropológica. Por meio dessas perspectivas, emergiram as discussões complementares abordadas no capítulo 1, como o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo, técnicas que visavam prover aos indivíduos Surdos uma oportunidade de inclusão social.

Essas perspectivas desempenharam um papel significativo na consolidação e estabelecimento dos Estudos Surdos como um campo acadêmico distinto e relevante. As abordagens clínico-terapêutica e socioantropológica, juntamente com os debates do oralismo, comunicação total e bilinguismo, contribuíram para uma compreensão mais abrangente da surdez e suas implicações sociais, culturais e educacionais. Diante da relevância dessas abordagens, é oportuno apresentá-las de forma mais detalhada, com base nas

¹¹Strobel (2008, p. 37) aponta que artefato “é aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”, logo a considera a língua de sinais um artefato cultural linguístico.

discussões apresentadas por Alpendre (2008), Skliar (2015), Sá (2006) e Rocha (2016), pois são um dos aspectos centrais representados nas experiências dos personagens de *Crisálida*.

A visão clínico-terapêutica entende o sujeito surdo como deficiente: “o modelo clínico-terapêutico produziu (produz) e provocou (provoca) efeitos prejudiciais nos aspectos socioeconômicos, reforçando as percepções sociais dos Surdos como seres deficientes: deficientes da linguagem, deficientes da audição, deficientes da cognição, e aí seguem estas e outras analogias incapacitantes” (Fernandes, 2007, p. 48). Ela parte do pressuposto de que a surdez incapacita o sujeito e deve ser revertida, a fim de que ele possa ser integrado na sociedade.

Nesta concepção, o uso da Língua de Sinais era proibido, pois havia a crença de que ela atrasaria o desenvolvimento cognitivo dos Surdos e não permitiria a eles sucesso nas tentativas de oralização, além de buscar a padronização dos sujeitos surdos aos moldes ouvintes: “a língua de sinais não é aceita pelo grupo de profissionais que se posiciona nessa perspectiva, percebendo-a como um empecilho para o desenvolvimento da fala oralizada” (Rocha, 2016, p. 30).

Com a premissa de que a surdez é uma patologia, essa concepção traz algumas definições e classificações para a surdez. Ela é apresentada sem considerar a experiência surda, mas apenas a sua medicalização. Sá (2006, p. 67) aponta que “a tradição médico-terapêutica influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, profunda, congênita, pré-linguística, etc)”, passível de regulação e tratamento conforme a classificação.

Outro conceito apresentado a partir desta concepção é o “deficiente auditivo”, utilizado em contextos clínicos, referindo-se à surdez como deficiência, diferenciando-se do conceito de “Surdo”, que é utilizado como um marco cultural e linguístico de sujeitos que se identificam como pertencentes a um grupo e cultura minoritários.

As representações clínicas da surdez influenciaram diretamente no que Skliar (2015) chama de holocausto linguístico, cognitivo e cultural vivenciado pelos surdos, ou seja, momentos em que o poder dos discursos oralistas levou os sujeitos surdos a viverem como subalternos e à margem da sociedade.

Essa perspectiva gerou impactos em todas as esferas sociais nas quais os surdos estavam presentes, pois a partir dela acreditou-se na ideia de que o surdo

que fala poderia escutar, visto que a ideologia dominante “contou com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área da saúde, dos pais e familiares de surdos, dos professores, e inclusive, daqueles próprios surdos que representavam e representam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia” (Skliar, 2015, p. 16).

A força dos discursos clínico-terapêuticos foi tanta que influenciou as crenças capacitistas¹² em torno da surdez e a busca pela normalização, julgando que seria a melhor forma para que os sujeitos surdos pudessem ter um desenvolvimento pleno, unificando-os como sujeitos sem considerar suas especificidades e identidades que apresentavam em si. Não se consideravam as questões sociais, culturais, linguísticas dos sujeitos Surdos, apenas preocupava-se em tratar a deficiência para que o problema, no caso a falta da audição, fosse resolvido.

Percebe-se, na perspectiva clínico-terapêutica, a abstração social da pessoa surda, pois a cura não pressupõe interação social, mas prevê apenas que o deficiente auditivo ouça e fale. Dessa forma, esta perspectiva parte do princípio de que é possível disciplinar os surdos para que possam conviver na sociedade o mais próximo dos ouvintes, fazendo referência à normalidade. A deficiência deve, então, ser tratada para que o problema do não ouvir deixe de existir (Rocha, 2016, p. 30).

De maneira geral, a ênfase está no fato de o surdo não ouvir, considerando que a falta ou ausência do som necessita ser reabilitada para que assim o sujeito Surdo se aproxime do padrão de “normalidade”. O foco do discurso também está no desenvolvimento da leitura labial e da oralização, ignorando o uso da Língua de Sinais, atentando-se aos graus da deficiência e nas possíveis maneiras de reabilitar os sujeitos.

Os sujeitos Surdos, nessa perspectiva, quando comparados aos ouvintes, são posicionados como inferiores, e que só podem interagir e se integrar à sociedade quando “corrigidos”, por meio do uso de aparelhos auditivos e/ou implantes cocleares, pois, a partir do uso desses instrumentos, ele passaria a ouvir.

A concepção socioantropológica vem contrapor os pensamentos disseminados pela visão clínico-terapêutica. Se por um lado temos uma visão

¹²Termo usado para se referir a qualquer atitude que discrimina ou denota preconceito social contra pessoas com deficiência.

clínica da surdez enquanto patologia, por outro começa a se pensar a surdez como uma experiência visual. Esta perspectiva passa a entender a surdez como “uma maneira específica de se construir a realidade histórica, política, social e cultural das comunidades surdas” (Rocha, 2016, p. 31), ou seja, ela propõe que a surdez seja vista como uma diferença cultural e linguística. A experiência visual e o uso da Língua de Sinais são valorizados, visto que é uma forma de os sujeitos se constituírem identitária e socialmente.

Vale ressaltar que, quando discutimos essas duas perspectivas, não podemos reduzir o sujeito Surdo e a surdez apenas à existência delas, (Rocha, 2016), pois uma enfatiza uma característica patológica em que o surdo deve se inserir na comunidade ouvinte por meio da oralidade, e a outra defende a Língua de Sinais baseada no viés social, cultural e linguístico. Deve-se considerar as diversidades existentes entre os sujeitos Surdos pertencentes a uma mesma comunidade e não apenas entendê-los por meio de dois extremos, pois “as diversas maneiras de pensar a surdez imbricam-se ao longo de toda a história até os dias atuais, não levando em conta, em alguns momentos, a alteridade, e abstraindo as pessoas surdas como se todos fossem iguais” (Rocha, 2016, p. 31).

Por meio da perspectiva socioantropológica, pode-se refletir a respeito do Surdo enquanto um sujeito social com suas peculiaridades, sem impor uma tentativa de normalização como a apresentada pela clínico-terapêutica. Nesse ponto, a perspectiva socioantropológica configura-se como um espaço de debate sobre a surdez e sobre o sujeito Surdo.

A contextualização dessas perspectivas auxilia a entender as influências que contribuem na construção das identidades surdas e como o processo de percepção da surdez enquanto diferença se constrói. Na aproximação dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, por sua vez, a compreensão do sujeito Surdo transita e se tece em diversas identidades.

2.1 Surdez: estereótipos, estigmas e normalização

Os discursos que narram o povo Surdo, como já mencionados nos tópicos anteriores, muitas vezes fazem alusão a um indivíduo como deficiente. Essas narrativas invalidam a cultura surda e todo seu potencial, pois ela traz consigo muitos aspectos peculiares, trata-se de um universo predominantemente visual

que se difere do entendimento habitual da cultura ouvinte.

A normalização sempre esteve presente nas discussões em torno da surdez e de outros grupos minoritários de pessoas com deficiências. Segundo Skliar (2015), foram mais de cem anos de práticas e tentativas de correção e normalização, devido ao poder que a cultura vigente tinha na sociedade, no sentido de controlar, separar, negar a existência da comunidade surda, da Língua de Sinais, das identidades e experiências visuais que determinam o conjunto de diferenças dos Surdos em relação aos outros grupos.

A dominância desses grupos enfraquece a cultura dos povos surdos e criou estereótipos em relação à surdez, negando outras formas de comunicação e culturas que não fossem a esperada pela sociedade e, nesse sentido, buscava a normalização desses sujeitos.

A normalidade se constitui a partir de práticas discursivas voltadas a um olhar clínico. Bentes e Hayashi (2016, p. 853) apontam que “este conceito de normalidade, com a acepção atual de não possuir defeitos ou problemas físicos ou mentais, foi estabelecido na primeira metade do século XIX”. Tratava-se de uma forma de padronizar o ser humano.

Tal ideia abriu espaço para que diversos experimentos fossem realizados nos Surdos, com o objetivo de que a sua surdez fosse revertida, além de criarem métodos em que esses sujeitos eram obrigados a tentar falar, como se fossem ouvintes. Diversos Surdos tiveram suas vidas ceifadas por causa dessa tentativa de normalização, que permitia o uso de todo e qualquer tipo de experimento para se compreender a surdez e, a partir disso, buscar a sua correção: “o Surdo começava a ser visto como um doente e, por isso, todas as tentativas possíveis (e impossíveis) para erradicá-la eram válidas, levando ao sofrimento ou até mesmo à morte” (Veloso; Maia, 2009, p. 36).

O conceito de normalização refere-se também à ideia de uma identidade que é considerada única e imposta por um determinado grupo social, que desvaloriza as outras formas de identidades que divergem do que eles consideram normal e, com isso, marginalizam sujeitos e grupos que não correspondem a essa identidade. Quando refletimos acerca da surdez, partindo do princípio da normalidade, compreende-se o controle, a segregação e a discriminação que os Surdos enfrentam por meio da imposição de um grupo social majoritário ouvinte, pois “as atitudes normalizadoras são de massacrar, dominar, classificar

patologicamente o outro, assumindo a cura como objetivo principal no tratamento do indivíduo” (Bentes; Hayashi, 2016, p. 853).

O conceito de normalidade marcou durante muito tempo a compreensão acerca do sujeito Surdo. As tentativas de o colocarem em um padrão ouvintista foram diversas, por meio de experimentos e testes realizados. A reversão da surdez era uma questão muito forte no contexto da proposta oralista, pois segundo alguns discursos, a cognição estaria diretamente ligada à fala, e se o sujeito não dispunha desse recurso era considerado incapaz de raciocinar; remetia-se “à ideia de que há uma dependência entre a eficiência oral e o desenvolvimento cognitivo” (Alpendre, 2008, p.3). Dessa forma, como o Surdo não tinha o recurso da audição para ouvir as palavras e aprender a pronunciá-las, conseqüentemente não reproduzia a fala, e por isso acreditava-se que nele não havia cognição.

Diante desta ideia de normalização e da não aceitação da surdez enquanto diferença, alguns estereótipos acerca dos sujeitos Surdos passaram a emergir, e a diferença é vista como algo negativo. O estereótipo é considerado uma parte da organização social e simbólica, que estabelece uma separação entre o que é normal e pervertido, entre o que é normal e a patologia. Diante disso, o estereótipo gera o preconceito e por conseqüência a exclusão social (Soares, 2020).

Soares (2020) aponta que o forte preconceito que os Surdos enfrentam relaciona-se a um pensamento colonial, em que se acreditava que ser falante, branco, homem, profissional e letrado era ser “humano”. Como o Surdo não dispunha da oralidade e, conseqüentemente, por causa da surdez, não era letrado, não seria humano. Essa ideia permitiu a criação de diversos estigmas que se perpetuaram na contemporaneidade, principalmente por pessoas que não entendem as diferenças. O estigma é capaz de diminuir o indivíduo e de associá-lo a uma pessoa incapaz.

Estigmas e estereótipos são construídos socialmente, por isso há uma carga de significados atribuídos às diferenças (Soares, 2020), ou seja, o que para alguns é negativo, para outros é visto como normal. Para melhor compreensão, os estigmas podem ser entendidos como uma relação entre os atributos e os estereótipos. Os atributos são usados para fazer referência a uma carga negativa, de descrédito sobre o sujeito, ou até mesmo quando os indivíduos são colocados

em um lugar de inferioridade ou de diminuição.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (Goffman, 1988, p. 13).

Em relação aos estereótipos, são definidos como características morais ou físicas atribuídas a um indivíduo, podendo ser positivas ou negativas; são uma crença compartilhada coletivamente por um grupo a respeito de algum atributo.

No que se refere à diferença entre estigmas e estereótipos, consideramos o que pontua Leite (2005, p.3):

Os estigmas são provavelmente os rótulos de qualificação de um indivíduo/grupo, que geralmente são depreciativos. Tais rótulos estimulam a instituição de crenças a respeito do indivíduo/grupo, sendo estas projetadas, ampliadas e compartilhadas no/pelo coletivo social mediante a formação dos estereótipos.

Nesse sentido, o Surdo como pertencente a uma sociedade majoritária ouvinte sofre com estigmas e estereótipos criados a partir de sua real condição. O estereótipo se constrói a partir de uma inversão da realidade, e é materializado por discursos e crenças a respeito de determinados sujeitos.

Quando analisamos a contextualização histórica dos sujeitos Surdos e a representação social em torno deles, deparamo-nos com alguns estereótipos e estigmas, como: a surdez associada à incapacidade; toda pessoa surda faz leitura labial; Surdo-Mudo; mudinho. São exemplos práticos da surdez estereotipada e estigmatizada.

Na série *Crisálida*, percebemos quão evidentes e fortes ainda são algumas crenças defendidas no passado. No episódio 1 da primeira temporada, notamos as atitudes de uma das alunas do curso de Libras, quando o professor questiona o que mudou na vida dos alunos a partir do momento em que começaram a aprender a língua de sinais. No depoimento da personagem Talita (Camila Gallo) (episódio 1 – sequência 14' 24" - 14' 29"), a ideia dela era “ajudar” o Surdo. É a visão assistencialista, por meio da qual as pessoas ouvintes acreditam que o Surdo precisa de ajuda, sentem pena dele.

Na cena em que Jaks (Leandro Batz), ouvinte, leva a namorada Morgana

(Angela Okumura), surda, para conhecer a família, percebemos outro exemplo de estereótipo e estigma, pois quando a família de Jaks percebe que Morgana é surda, fazem uma expressão de espanto, escancarando seu preconceito. Além disso, quando sentados à mesa para jantar (episódio 1- sequência 19'35" - 19' 42"), a mãe de Jaks, Rosa (Solange Adão), pergunta a Morgana como ela ficou surda, utilizando o termo doença para se referir à surdez. Nesta cena, há o indício do estereótipo da surdez enquanto patologia.

Na cena seguinte (episódio 1 - 19' 42" - 20' 44"), o pai de Jaks refere-se à Morgana como surda-muda, outro estigma criado socialmente, pois muitos associam a surdez com a mudez, sem compreender que são características distintas e que os Surdos não são mudos.

É notório em diversos momentos da série as tentativas de normalização que os Surdos enfrentam, seja por causa das pessoas não conhecerem a surdez e criarem um imaginário coletivo de que ela precisa ser revertida, seguindo a lógica da medicalização, seja por não compreenderem a diferença como um fator crucial na construção social e cultural. De todo modo, a narrativa seriada problematiza essas questões, que ainda são fortes na sociedade contemporânea, e que vêm se perpetuando com discursos que invalidam ou inferiorizam a cultura surda.

Entretanto, é perceptível a luta da comunidade surda em se posicionar e desmistificar os estigmas e estereótipos que circulam. A iniciativa da série, ao ser elaborada por e para a comunidade surda, evidencia o olhar cultural que os Surdos sinalizantes defendem.

A incapacidade do sujeito Surdo, considerada pelos ouvintistas, perdurou até a constituição de uma perspectiva que alterasse esta visão e entendesse a surdez como uma diferença linguística e cultural. Vale ressaltar que ainda na contemporaneidade há discursos que se prendem a esta ideia de incapacidade do sujeito Surdo. Por isso, percebe-se a importância dos Estudos Surdos, na constituição dos sujeitos Surdos como sujeitos ativos, capazes e integrais, de uma identidade cultural e relacional. Esse posicionamento oportuniza uma visão em relação à sua diferença, não como algo negativo, mas como uma característica cultural que potencializa a sua existência em todas as áreas e auxilia na mudança de paradigma socialmente construído sobre a surdez.

2.2 A construção da surdez enquanto diferença

A surdez passou a ser vista com outro olhar a partir da constituição dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, que possibilitou aos grupos minoritários espaço e ruptura das teorias capacitistas em torno das deficiências e dos demais grupos não pertencentes à parcela majoritária da sociedade.

A surdez pode ser pensada como diferença a partir das relações que ela estabelece com outros campos, fazendo uma interface entre Estudos Culturais, perspectivas antropológicas de grupos minoritários e políticas de educação. Essas discussões incorporam questões específicas referentes às diferenças culturais surdas, identidades e sujeitos.

O ponto inicial ao qual nos propomos neste momento é olhar para o sujeito Surdo considerando a sua cultura como um dos aspectos fundamentais para a discussão, pois ela possui um papel importante na construção identitária e social dos sujeitos (Strobel, 2008). Isso implica também alterar a visão colonialista da surdez enquanto deficiência ou a busca por normalizá-la, conforme o padrão ouvintista. Além disso, não somente entendê-la como diferença social, mas aceitá-la e considerar a existência de uma cultura e língua que se diferem da sociedade majoritária, que é ouvinte e advém de uma cultura oral-auditiva.

Para se pensar a surdez nesse contexto, é necessário considerar que os sujeitos Surdos pertencem a uma parcela minoritária da população e que estão inseridos nos contextos em que a oralidade predomina, ou seja, são priorizados os recursos da audição e da oralidade para estabelecer a interação e comunicação em todos os aspectos, como se fossem o único meio. O desafio de perceber a surdez enquanto diferença está em se desvincular da crença de que apenas a audição e a oralidade são os recursos essenciais para o desenvolvimento dos sujeitos em todos os contextos sociais, educacionais e culturais. Para a alteração da visão terapêutica e colonialista acerca da surdez, devem ser considerados para a desmistificação da surdez enquanto patologia o quanto esses discursos se aproximam de um verdadeiro olhar antropológico e cultural (Skliar, 2015).

Constata-se a necessidade de uma transformação em relação aos olhares e crenças em que se ancora a surdez, pois não se pode limitá-la a um modelo: “a temática da surdez, na atualidade, se configura como um território de

representações que não podem ser facilmente delimitadas ou distribuídas em modelos sobre a surdez” (Skliar, 2015, p. 9), portanto, ainda há que se refletir acerca das representações que sujeitos ouvintes colocam nos Surdos.

A surdez enquanto diferença pode ser considerada um processo em construção, devido aos discursos que ainda são perpetuados, acreditando na sua incapacidade comunicativa e cognitiva.

Para que possamos intensificar as discussões em torno das identidades surdas no capítulo seguinte, um ponto importante a ser entendido é a construção do ser surdo, que influencia diretamente em sua identidade. Entender esta questão nos permite não olhar para os Surdos como sujeitos homogêneos e iguais, pertencentes a um mesmo grupo de características, fazendo com que percebamos que cada sujeito Surdo constrói a sua experiência e a sua diferença: “o experimentar o ser surdo nunca se apresenta igual. Cada surdo tem sua experiência, sua diferença” (Perlin, 2003, p. 96).

O Surdo se constrói a partir de experiências temporais, espaciais e contextos a que estão inseridos. Por isso, quando falamos das identidades surdas, é importante ressaltar que esses sujeitos podem transitar entre diferentes posicionamentos identitários. Há que se considerar que as identidades não são mais únicas, sendo assim, “fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (Hall, 2006, p. 07). O sujeito não é mais percebido como aquele que possui uma única identidade e que a concebe desde o seu nascimento. Acredita-se que o indivíduo moderno é um sujeito fragmentado que delinea a sua identidade a partir de suas experiências, as quais tecem um perfil identitário multifacetado, fluido, inconstante e, muitas vezes, até contraditório.

As identidades são construídas conforme os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam (Hall, 2006); dessa forma, os sujeitos podem ser afetados por diversas estratégias, e estar em contato com uma multiplicidade de características às quais eles se percebem. Há que se considerar que estamos transitando em diferentes espaços e que neles travamos lutas diárias no que diz respeito à nossa identidade (Bauman, 2005).

A respeito do processo de construção de identidade surda, Perlin (2003) aponta que tal processo passa pela “experiência de ser surdo”. Esses sujeitos são atravessados por outros e essa experiência os torna Surdos, e é por meio dessa experiência que se compreende o ser Surdo, e pode-se pensar nela de duas

formas, a vivida e a pensada. A experiência vivida inclui as questões de diferença, enquanto a experiência pensada refere-se aos militantes, ativistas e líderes surdos (Perlin, 2003), os quais têm uma profunda imersão na cultura surda. Por causa dessas experiências, ocorre a constituição da identidade surda, bem como a produção do sujeito e a articulação entre a diferença e a alteridade.

O ser e estar dos sujeitos Surdos que se constituem pelas experiências são responsáveis pela construção da identidade como diferença, como alteridade nas representações surdas. Por isso pode-se considerar a experiência do Surdo, que é diferente, como um fator na construção de sua identidade.

A identidade, conceituada por Silva (2000), é entendida como aquilo que se é, referindo-se como autossuficiente, por outro lado, considera-se a conceitualização da diferença, que é entendida como algo que remete a si mesmo, ambas existem e possuem um fator de significação. Entretanto, identidade e diferença são inseparáveis e uma depende das afirmações da outra para existirem e terem de fato um significado, pois, “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (Silva, 2000, p. 75).

Nesse sentido, compreendemos a relação de dependência da identidade e diferença e que ambas são produzidas no mundo cultural e social, nos contextos das relações às quais os sujeitos estão inseridos. Percebe-se como as experiências são um potencial na construção do ser e estar Surdo, visto que a diferença é produzida como uma derivação da identidade (Silva, 2000), ou seja, a diferença é produzida e confere sentido a partir da identidade.

No tocante à produção da identidade e diferença, podemos refletir como a experiência surda vem sendo representada em diferentes espaços, incluída a narrativa seriada, objeto desta pesquisa, e a partir disso entender as identidades que são apresentadas acercadesses sujeitos.

Compreender a identidade e diferença como resultados de uma criação linguística significa afirmar que elas são produzidas por meio da linguagem. Vale ressaltar que é pela linguagem que a identidade e a diferença adquirem sentido. Silva (2000, p. 78) aponta que “a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como sistema de significação”, possui características instáveis e indeterminadas.

A linguagem como um processo de produção simbólica e discursiva (Silva, 2000) produz significações com as quais os sujeitos podem identificar-se e

diferenciar-se enquanto grupos. Quando uma criação linguística se manifesta por meio da linguagem, deixa suas marcas, e a produção da diferença se efetiva; dessa forma, o povo surdo se conecta, visto que assume uma mesma significação de sentido e signo. Nesse contexto, o signo é caracterizado pela presença, pois partilha de uma experiência visual, que produz a identidade e a diferença em relação aos outros grupos. Assim, a linguagem tem um papel importante na construção da surdez como diferença, pois ela é uma das formas em que a identidade e a diferença são produzidas e os processos de diferenciação ocorrem.

Refletir a respeito de alteridade, diferença e identidade na constituição do sujeito Surdo permite estratégias que amenizam as resistências à compreensão e aceitação desse povo. Apesar de a sua história ter sido construída em grande parte por ouvintes (Strobel, 2008), a visão da surdez enquanto diferença foi ganhando força, por meio das resistências e lutas dos movimentos Surdos. No campo da surdez, sempre houve o impasse entre deficiência e diferença, problematizada anteriormente pela alternância entre a perspectiva clínico-terapêutica e socioantropológica.

Ao discutirmos a identidade, devemos considerá-la como algo que está em constante construção, podendo ser transformada de maneira frequente. Além disso, outro aspecto importante a ser salientado é o de que a identidade de um sujeito só existe a partir da diferença: “a identidade é, assim, marcada pela diferença” (Silva, 2000, p. 11), ou seja, ela se caracteriza a partir daquilo que o sujeito é e não é. A identidade surda existe devido ao fato de os Surdos não possuírem a experiência oral auditiva, e ser ouvinte corresponde a não ter e não pertencer a um mundo no qual a experiência visual é a forma principal de comunicação.

Nessa perspectiva, a cultura surda e os seus aspectos só são possíveis devido à existência de uma cultura ouvinte, ou seja, quando o Surdo percebe que os ouvintes têm características específicas, que não condizem com as suas realidades, cria-se a cultura surda. Dessa forma, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Compreendemos nesse ponto a importância da representação nos processos de construção identitária dos sujeitos Surdos.

As discussões promovidas acerca de identidade e diferença podem nos levar a indagar por que a surdez enquanto diferença ainda pode ser considerada

um processo em construção, visto que os estudos e as concepções do sujeito surdo têm avançado significativamente nos últimos anos. Na busca por responder a essa indagação, deve-se levar em conta o seguinte fator: durante mais de cem anos, as ideias dominantes colocaram os sujeitos Surdos com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez (Skliar, 2015), que objetivava práticas de correção, normalização e controle dos sujeitos. Apesar das mudanças registradas nos últimos anos nas concepções e definições de sujeito Surdo, ainda há resquícios da maneira pela qual o surdo é entendido, “porém, o abandono progressivo da ideologia clínica dominante e a aproximação aos paradigmas socioculturais, não podem ser considerados, por si só, como suficientes para afirmar a existência de um novo olhar educacional” (Skliar, 2015, p. 8).

Além disso, entende-se a surdez como parte do discurso incorporado à deficiência, “ainda que o modelo antropológico descreva a surdez em termos contrários às noções de patologia e de deficiência, não esclarece o fato de que a surdez está efetivamente incorporada dentro dos discursos da deficiência - o que não constitui uma afirmação, mas, sim, uma constatação” (Skliar, 2015, p. 10).

O Surdo se percebe surdo quando observa que a sua forma de comunicação difere dos demais membros ouvintes pertencentes ao seu grupo de contato. Nisso entendemos a questão do não ser ou não pertencer traçada pela diferença para se produzir a identidade, quando o sujeito surdo percebe que não possui os recursos orais e auditivos para estabelecer a comunicação, mas encontra por meio da representação sujeitos que também não dispõem desses recursos auditivos, mas sim de outras formas de comunicação, criando a sua identidade e automaticamente a diferença. Ao buscar compreender a questão da diferença e sua construção em torno da surdez, criamos base para entender as representações do Surdo na mídia.

2.3 A mídia como espaços de representações de e para as minorias

Outro aspecto relevante da consolidação dos Estudos Culturais e sua conexão com os Estudos Surdos é o estudo das representações da cultura e do sujeito Surdo. O conceito de representação refere-se à maneira com que pessoas, coisas, características e ações são representadas pelas linguagens. Elas são importantes, pois constroem sentidos e conceitos que podem se tornar

verdades, quando repetidas frequentemente (Silveira, 2008). Dessa forma, os significados são produzidos e compartilhados, fortalecendo os laços culturais entre membros que se assemelham. É um conceito que passou a ter um lugar importante nos Estudos Culturais, pois é por meio da representação que diversos sentidos e linguagens são conectados à cultura.

A relevância da discussão deste conceito nos Estudos Surdos está no sentido de que a representação aproxima e fortalece uma comunidade com características tão peculiares que, ao se perceberem representados, estabelecem significações para lutar por seu espaço e pelo direito de protagonizar a experiência Surda.

O sistema de representação é entendido como um conceito de diferentes maneiras de agrupar, organizar e classificar sujeitos ou comunidades. Hall (2016), ao discutir o mapa conceitual e outros aspectos da representação, aponta que somos capazes de nos comunicarmos porque compartilhamos quase os mesmos sistemas de conceitos, e este fato está ligado ao sentido de pertencer a uma cultura e sentir-se representado por ela. A representação também se refere às correspondências de nosso mapa conceitual e os signos que estão dispostos em diversas linguagens que representam ou indicam os conceitos: “a relação entre coisas, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de representação” (Hall, 2016, p. 38).

Ao refletir acerca da representação e seus sistemas, relacionando-os com o sujeito Surdo, verifica-se que uma das formas com que este povo é representado é a linguagem, no sentido de que se expressam e compreendem o mundo por meio de uma língua espaço-visual, a Libras. Por outro lado, percebe-se um conjunto de ideias e representações em torno deste sujeito que é enunciado por outros grupos.

Nesses processos de representação, as identidades surdas são formadas a partir das conexões que se estabelecem e percebem quando o outro (que pode ou não ser surdo) se posiciona. A experiência surda organiza e classifica outras experiências surdas semelhantes, dando sentido à forma de se expressar e comunicar, além de se relacionar com os mapas conceituais que os fazem se perceber enquanto pertencentes a uma cultura.

Para Hall (2016), a representação é um fator crucial para o processo

cultural, pois é por meio dela que a linguagem e o sentido se conectam com a cultura. A representação é uma parte importante da produção e compartilhamento de significados. Tais processos de representação envolvem alguns fatores. Como menciona Hall (2016, p. 31), “representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”. Dessa forma, entende-se que a representação usa da linguagem para expressar o mundo ou representá-lo para outras pessoas.

De acordo com o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹³, há mais de dez milhões de pessoas com algum grau de deficiência auditiva no Brasil. O Censo não especifica se esses sujeitos são pessoas surdas sinalizantes, oralizadas, usuárias de aparelhos auditivos, implantes cocleares ou não. Quando discutimos o conceito de povo Surdo, referimo-nos aos sujeitos Surdos que, mesmo não habitando no mesmo local, possuem uma ligação por meio de sua origem, por sua maneira visual de compreender o mundo e por laços culturais e linguísticos, a Língua de Sinais.

O que define o povo surdo é o compartilhamento das mesmas especificidades.

Costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades culturais, ou seja, constrói sua concepção de mundo através do artefato cultural visual, isto é, usuários defensores do que se diz ser povo surdo, seriam sujeitos surdos que podem não habitar no mesmo local, mas que estão ligados por um código de formação visual independente do nível linguístico (Strobel, 2008, p. 34).

O Surdo é entendido como minoria porque, por não se expressar por meio da voz, ou seja, não dispor dos recursos necessários para conseguir pronunciar a fala, é considerado minoria, visto que a parcela majoritária da população reproduz a fala por meio da oralidade e dispõe da audição.

O conceito de minoria está ligado a um sentido de inferioridade quantitativa, em que os grupos minoritários possuem um objetivo ético-político na luta contra-hegemônica (Rozendo, 2012). Entende-se também que minoria é o lugar em que se efetiva a transformação de uma identidade e de uma relação de poder. “Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual” (Sodré, 2005, p. 12).

Rozendo (2012, p. 58), a partir dos estudos desenvolvidos por Muniz Sodré

¹³ O último censo do IBGE encontrado foi o do ano de 2010. Link de acesso <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&ind=4643&cat=-1,-2,-3,128>. Acesso em: 27 out. 2023.

(2006), aponta quatro características básicas que as minorias apresentam:

Vulnerabilidade jurídico-social, o grupo dito minoritário não é institucionalizado pelas regras do ordenamento jurídico jurídico-social vigente; identidade *in statunascendi*- na condição de uma entidade em formação que se alimenta da força e do ânimo dos estados nascentes; luta contra-hegemônica - uma minoria luta pela redução do poder hegemônico, mas em princípio, sem objetivo de tomada do poder pelas armas; e por fim, estratégias discursivas - são os principais recursos de luta atualmente.

Ao analisar as características das minorias elencadas pelos autores Sodré (2006) e Rozendo (2012), compreende-se como o povo surdo se entende enquanto pertencente a esse grupo. No primeiro momento, quando se discute a vulnerabilidade jurídico-social, verifica-se que durante algum tempo o povo surdo esteve sem políticas públicas que o amparassem legalmente e atribuíssem a eles o direito de ser e viver de acordo com suas especificidades. As políticas públicas¹⁴ em torno dos sujeitos Surdos ainda estão em construção. Muitos foram os avanços nesses últimos anos, entretanto, há muito a se avançar neste ponto, já que o povo surdo ainda luta para obter reconhecimento e ocupar diferentes espaços.

Em relação à terceira característica, a luta contra-hegemônica, percebe-se que o povo surdo está em constante embate contra o poder dominante, se posicionando nos diferentes espaços e mídias com o intuito de resistir às imposições majoritárias. A minoria não pode ser entendida como uma junção de pessoas que são impulsionadas por meio de um mesmo objetivo, mas sim por um dispositivo simbólico que tem como premissa a luta contra-hegemônica. Diante disso, pode-se considerar que o sujeito Surdo ocupa um espaço em que ocorre a polarização das diferenças e identidades, e não um espaço em que há uma definição de sujeito que possui a falta da audição.

A característica das estratégias discursivas também é perceptível nas lutas do povo surdo, que utiliza diferentes ações para efetivar seu reconhecimento e na busca de direitos, valendo-se de recursos como manifestações, campanhas midiáticas e gestos simbólicos.

Discutir a respeito das minorias implica refletir no que se refere aos direitos

¹⁴A Lei nº 14.191, sancionada em 03 de agosto de 2021, dispõe acerca da modalidade de educação bilíngue de surdos. Ela altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assegurando a oferta da educação bilíngue aos estudantes surdos, da educação infantil ao longo da vida.

humanos e fundamentais dos indivíduos, e pensar na relação entre maioria e minoria que forma a sociedade democrática e plural. Além disso, essas discussões contribuem para as reflexões identitárias (Mazutani, 2012), partindo do ponto de que pertencer a uma minoria é uma construção social, que se efetiva por meio do reconhecimento dos sujeitos com outros pares.

As minorias têm se destacado no cenário atual, suas lutas estão ganhando maior visibilidade devido aos recursos midiáticos que dão suporte na disseminação de suas reivindicações. Nesses espaços, elas discutem e apresentam suas questões identitárias, culturais, sociais e linguísticas, como forma de resistência aos discursos opressores que são proferidos pelas culturas majoritárias.

A cultura da mídia impacta a maneira como as pessoas se comportam e se entendem (Kellner, 2001); além disso, elas se tornam um espaço de lutas e reivindicações dos grupos minoritários, que por meio delas percebem a oportunidade de se posicionar e inverter alguns discursos que os marginalizam. As mídias podem ser consideradas como dispositivos em que é possível encontrar diferentes temáticas e vozes, que de alguma forma impactam a organização da sociedade (Ferreira, 2018).

De acordo com Ferreira (2018), alguns estudos apontam que a mídia se insere como um mecanismo principal no que diz respeito à relação de representação política entre movimentos sociais, cidadania e política, além da influência que ela exerce na tomada de decisões dos sujeitos.

Diferentes grupos sociais são representados e levantam discussões de cunho político que podem gerar transformações sociais e uma série de impactos: “a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo em que fornece instrumentos para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta” (Kellner, 2001).

Dessa forma, a cultura da mídia ajuda a tecer representações de mundo, comportamentos sociais e políticos: “o discurso midiático articula saberes e poderes, já que cria uma determinada percepção da realidade: os próprios modos de articular determinadas narrativas acabam por estabelecer versões sobre o que seria essa realidade” (Ferreira, p.27, 2018).

Diante desse cenário em que narrativas midiáticas potencializam

representações, na perspectiva dos Estudos Surdos as mídias têm um papel fundamental na difusão de discursos que remetem à surdez enquanto diferença, distanciando-se da visão clínico-terapêutica. Para os grupos minoritários, as mídias auxiliam no processo de desconstrução de uma visão equivocada que os consideravam inferiores. Além disso, geram espaços de representatividade, oportunizando a maior visibilidade aos grupos até então marginalizados socialmente. Isso também permite aos Surdos um posicionamento mais ativo em face às perspectivas que tentam anular a sua existência.

Outro ponto a se destacar em relação à cultura da mídia é que auxilia na construção de identidades e comunidades, no sentido de que a representação nesses meios é produzida e evidenciada de forma mais potencializada.

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) garantem aos segmentos minoritários suporte de visibilidade para reivindicações de suas demandas, de seus estilos de vida e de comportamentos que fogem aos padrões tradicionais da sociedade. Essa visibilidade tornou estratégica nas mobilizações, que muitas vezes começam com simples *post* nas redes sociais e acabam ganhando milhares de adeptos, chegando às ruas e mexendo com estruturas do poder (Ferreira, 2018, p. 25).

Com o posicionamento do povo Surdo nas mídias e o fortalecimento do movimento Surdo enquanto agente transformador da concepção que segregava as pessoas surdas e as colocava como inferiores, novos paradigmas emergem. Pode-se dizer que o movimento Surdo emergiu em meados da década de 1980, momento em que o país vivenciava a reativação e expansão do movimento de diversos segmentos da sociedade (Brito, 2016). Empoderada pela experiência militante, uma geração pioneira de Surdos engajou-se no movimento social das pessoas com deficiência e passou a lutar pelo direito pleno à cidadania das pessoas surdas: “com esse objetivo, lideraram as primeiras manifestações políticas de Surdos na história brasileira, reivindicando principalmente direitos sociais ligados à interação social, a acessibilidade e comunicação” (Brito, 2016, p. 766).

As manifestações foram tão intensas que isso tornou-se um marco de ascensão do movimento social Surdo, inclusive pela expressiva produção de cartazes, vídeos e símbolos em defesa do direito da pessoa surda.

Vale ressaltar que a visibilidade midiática sempre está articulada ao interesse de diferentes grupos. Ferreira (2018) aponta que, a partir do processo

em que os discursos são direcionados de acordo com o interesse e realidade de cada grupo, há a contribuição para criar representações construídas socialmente, ou seja, os sentidos que as pessoas atribuem aos acontecimentos e situações sociais.

Ocorrem embates discursivos em múltiplas arenas midiáticas, pluralizando vozes, demandas, opiniões que apontam para uma sociedade mais democrática, consolidando, com isso, uma abertura de espaços políticos para muitos segmentos que foram excluídos, historicamente, dos processos sociais e políticos (Ferreira, 2018, p.29).

Mesmo ao encontrar representações dissonantes ou opostas, que divergem de suas identidades e subjetividades, a resistência a elas proporciona uma posição discursiva que questiona e constrói espaços de reflexão, o que de certa forma influencia os sujeitos a apoiarem suas reivindicações.

As mídias tornam-se um lugar em que comunidades se encontram e identificam-se, gerando novos adeptos que lutam em prol das suas causas, pois “as tecnologias da informação e comunicação (TICs) potencializam esses discursos na sociedade reforçando as demandas e reivindicações de segmentos ditos minoritários, e, consegue ainda persuadir e, conseqüentemente, adquirir novos adeptos e apoiadores” (Ferreira, 2018, p. 34).

As representações midiáticas contribuem para o processo de identificação entre representados e representantes (Ferreira, 2018), com impulsionamento de transformações sociais e voz aos segmentos marginalizados. Os debates em esferas midiáticas oportunizam lugares de fala para os grupos menos privilegiados, e que são compreendidos de forma diferente do esperado pela sociedade.

3. Crisálida e as problematizações do ser Surdo

A cultura de mídia influencia a vida cotidiana e, por meio dela, os sujeitos buscam os recursos necessários para construir identidades, senso de classe, raça e etnia (Kellner, 2001); “a cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global” (Kellner, 2001, p. 9).

Nesse contexto, ela assume um papel importante no que se refere aos discursos e ideias que são proferidos a respeito de determinados sujeitos. O poder de controle social exercido pela mídia nos permite compreender como algumas representações dos Surdos ainda são perpetuadas.

Quando as mídias apresentam a surdez com uma concepção clínica e difundem essas informações, os receptores podem moldar sua forma de pensar a partir dessas representações: “numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar - e o que não” (Kellner, 2001, p. 10).

A obtenção de informações críticas da mídia permite aos sujeitos o aumento de sua autonomia reflexiva, com conhecimentos que produzem outras formas de pensar a cultura. A cultura de mídia, ao mesmo tempo em que oportuniza criação de formas de dominação ideológica e auxilia na sua propagação, também fornece os instrumentos necessários para a construção de identidades, fortalecimentos culturais, resistência e lutas. Ela é um espaço de disputa em que os grupos sociais lutam por seus ideais, e os sujeitos “vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos vinculados pela mídia” (Kellner, 2001, p.11).

Há uma disputa de perspectiva em relação aos sujeitos Surdos problematizada pela mídia em seus variados meios. Ela lança as diferentes representações da surdez, influenciando nas formas de compreensão da cultura surda. Nesse sentido, quando se busca articular a cultura de mídia com as perspectivas referentes aos sujeitos Surdos, percebe-se que a cultura surda cria

espaços de resistência e luta contra os discursos capacitistas que ainda ecoam na contemporaneidade. Os Surdos sinalizantes, que se identificam a partir da concepção cultural, usam a Língua de Sinais para se posicionar e revelar sua luta, contrapondo a parcela ouvinte que os estigmatiza por meio da perspectiva terapêutica.

A cultura de mídia tem oportunizado a criação desses espaços de resistência e luta, em que os grupos marginalizados podem se posicionar, expor suas ideias, cultura e identidades. Se, por um lado, a cultura de mídia envolve a produção e a disseminação de conteúdos por diversos meios, a narrativa é a forma em que esses conteúdos são estruturados e contados.

Rincón (2006) discute que somos as narrativas que produzimos de nós mesmos como sujeitos e como cultura, ou seja, a(s) identidade(s) que possuímos e a nossa relação com as culturas são moldadas pelas narrativas e histórias que contamos sobre nós mesmos e as histórias que a sociedade produz em relação ao grupo ao qual pertencemos.

As experiências que compartilhamos, as memórias que destacamos e as maneiras como nós descrevemos, desempenham um papel fundamental em como nos vemos e como os outros nos veem, por isso a produção de uma narrativa torna-se crucial na disseminação da cultura e da identidade de um grupo.

Quando se produz uma narrativa, ela tem a capacidade de ser disseminada ao alcance de outros sujeitos que podem se identificar e se apropriar dessas mesmas narrativas criadas. Ao refletirmos sobre a criação de uma narrativa midiática bilíngue, percebemos que estão intrínsecas diversas características e objetivos que levaram os sujeitos a compreenderem a forma de uma cultura e até mesmo a se identificarem, construindo a sua identidade ou circulando em novas identidades descobertas a partir da narrativa exposta.

A narrativa é entendida como uma forma de sobreviver, resistir e imaginar a vida (Rincón, 2006). Ela é uma troca contínua de saberes e informações. Ainda que não se tenha o conhecimento de quem são os autores de algumas narrativas, elas se proliferam, pois o que se considera é a relação narrativa produzida e sua transmissão.

Por meio da narrativa, os sujeitos e a cultura se constituem, todos os indivíduos de alguma forma passam pela narrativa, já que ela pode ser compreendida como uma grande estratégia para manter-se vivo, ou seja, muitas

resistências são possíveis por causa das narrativas criadas: “a narrativa é uma estratégia de sedução, uma tática de adiamento, um ponto de paciência, uma estratégia para permanecer vivo. Essa é a importância cultural e comunicativa da narração de histórias” (Rincón, 2006, p. 88, tradução nossa¹⁵).

O mundo é narrativo, ou seja, é compreendido e interpretado por meio de histórias e narrativas. Elas desempenham um papel fundamental na forma como percebemos o mundo, nossas vidas e a sociedade em geral. Além disso, têm o poder de impactar e dar sentido à sociedade como um todo.

Representações construídas em narrativas midiáticas, como *Crisálida*, desempenham papel importante em tentar entender e definir quem somos como indivíduos e como sociedade. As narrativas que contamos sobre nós mesmos e os outros influenciam a nossa identidade e a maneira como a sociedade nos percebe (Rincón, 2006).

Rincón (2006) discute que os sujeitos, as culturas e a sociedade são experiências e, diante disso, por mais que haja explicações e conceitualizações a respeito das formas de ser e compreender-se, só se pode narrar aquilo que se experiencia, ou seja, a experiência de cada ser só pode ser contada quando o sujeito se identifica e de fato a constrói, e, dessa forma, a transforma em histórias para poder contar.

Nesse sentido, enfatiza-se a importância da narrativa de *Crisálida*, que tem por objetivo narrar os fatos do cotidiano dos Surdos, apresentando as experiências desse povo, além de oportunizar a propagação da cultura surda e permitir que outros surdos se identifiquem a partir das narrativas nela apresentadas.

A narrativa como uma estratégia de resistência é um ponto importante apresentado nas discussões de Rincón (2006), e pode ser percebida no desenvolvimento da série *Crisálida*, que a todo momento explora as questões culturais e linguísticas do povo surdo. Narrar a importância da Língua de Sinais e a construção da identidade do sujeito Surdo é resistir contra os discursos que buscam sua opressão.

Quando a série se propõe a contar fatos do cotidiano dos Surdos, enfatizando capacidades e potencialidades desses sujeitos frente às visões estereotipadas e ouvintistas, é uma forma, por meio de uma narrativa midiática, de

¹⁵ No original: “narrar es una estrategia de seducción, una táctica dilatoria, un asunto de paciencia, una estrategia para mantenerse vivo. He ahí la importancia cultural y comunicativa de la narración”.

contrapor essas visões e posicionar os sujeitos Surdos como indivíduos com capacidades e potencialidades que desmistifiquem as crenças advindas de pensamentos oralistas.

Narrar as diversas situações em que a comunidade surda esteve envolvida, abordando as distintas perspectivas de cada período, representa uma estratégia para transmitir e preservar na sociedade a luta e a resiliência desse povo, bem como para destacar sua cultura e a singularidade da identidade surda.

As experiências representadas e narradas na série possibilitam a criação de sentidos que são reconhecidos por outros sujeitos, que passam a identificar-se com a luta do povo surdo tomando-a para si, pois “o todo social adquire significado em uma história particular” (Rincón, 2006, p. 88, tradução nossa)¹⁶.

A narrativa faz parte da condição de ser humano, é usada como dispositivo cognitivo pelo fato de que sempre esteve presente. Rincón (2006) assevera que é de nossa natureza impulso-narrativa, que é transcultural e transitória, e que apesar de ser algo intuitivo ao ser, são as culturas que determinam o que pode ou não ser contado. A relação de controle da narrativa pode ser percebida na história do povo Surdo, que por muito tempo foi narrada por visões que o incapacitam e isso perpetuou-se no imaginário social.

O controle exercido sobre o que se fala da surdez foi um aspecto marcante para esse povo, visto que essas narrativas influenciaram e determinaram rumos para a comunidade surda, como a proibição da Língua de Sinais e a obrigatoriedade da oralização, advinda de discursos e narrativas que consideravam esses métodos os mais adequados para que o sujeito Surdo se desenvolvesse.

Entende-se também que a narrativa tem a capacidade de moldar a memória, potencializar futuro e estabelecer identidades, pois “não apenas somos filhos dessas tradições, mas a própria identidade é narrativa, pois a narrativa age, molda a memória, antecipa o futuro, fornece identidade” (Rincón, 2006, p. 90, tradução nossa)¹⁷.

É perceptível que a narrativa assume um papel importante na sociedade, pois ela é responsável por legitimar a cultura, explicar a origem das coisas,

¹⁶ No original: “el todo social adquiere sentido en una historia particular”.

¹⁷ No original: “no sólo somos los hijos de estas tradiciones, sino que la misma identidad es narrativa, pues la narrativa actúa, configura memoria, anticipa futuro, provee identidad”.

transmitir ensinamentos, explorar a imaginação e apresentar possibilidades diversas.

Ao refletir no que tange à relação da narrativa com a cultura midiática, verifica-se que vínculos são estabelecidos com os indivíduos, a partir das histórias representadas, assim como Kellner (2001) aponta. A narrativa produz dispositivos de compreensão (Rincón, 2006) que repercutem na sociedade, influenciando os indivíduos que entram em contato e se apropriam dos sentidos criados por estes dispositivos.

A representação realizada por esses dispositivos é capaz de levar os sujeitos a se identificarem com as narrativas midiáticas e perceberem-se como parte delas. Além disso, na narrativa são consideradas as situações de conflitos, que servem para que a história seja criada e contada, pois, “sem conflito não há história, não há a narrativa” (Rincón, 2006, p. 101, tradução nossa)¹⁸. Rincón (2006) aborda cinco tipos de conflitos que são possíveis nas narrativas: ser humano *versus* homem, ser humano *versus* sociedade, ser humano *versus* eu, ser humano *versus* natureza, ser humano *versus* destino.

Este aspecto do conflito pode ser percebido em *Crisálida*, que apresenta situações conflitantes do sujeito Surdo na luta contra os discursos que tentam invalidá-lo ou na luta pela superação de obstáculos frente às mais diversas situações. Como exemplo de situação conflitante na série, há a cena em que Valentina (Miriam Royer) discute com o professor Surdo Miguel (Alexandre Bet) a respeito da necessidade de que todo material de estudo da universidade fosse traduzido em Libras, justificando que esta é a sua língua materna e precisa ser reconhecida (Episódio 2, sequência de cenas 9’49” - 10’56”). Entretanto, Miguel apresenta argumentos da importância de Valentina estudar a Língua Portuguesa e melhorar sua escrita, alegando que isso fará com que ela tenha mais oportunidades futuramente. Valentina entra em conflito no que se refere ao uso da Língua Portuguesa escrita e a Libras, que lhe é mais confortável.

Diante disso, notam-se dois tipos de conflitos clássicos encontrados em narrativas ser humano *versus* homem, pois são dois sujeitos com interesses e posicionamentos diferentes, em que um acredita que o Português escrito deve ser considerado e contribui para o sujeito Surdo, e o outro que defende que a Libras

¹⁸ No original: “sem conflito não há história, não há a narrativa”.

deve ser priorizada e reconhecida em todos os aspectos, sem dar importância ao Português escrito. Encontra-se também o segundo conflito, o ser humano *versus* eu, visto que Valentina precisa lutar contra suas próprias perspectivas.

Dessa forma, *Crisálida*, enquanto narrativa midiática, pode ser compreendida como um dispositivo de resistência e de construção identitária e cultural do povo Surdo, por meio de suas histórias são representadas realidades do sujeito Surdo que produzem significações e sentidos, interações e conexões com sujeitos que tomam para si as lutas deste povo.

3.1 As identidades surdas

O desafio e a luta do povo Surdo são pelo desvinculamento das crenças colonialistas e pela compreensão do surdo em sua especificidade, como um ser que se posiciona identitariamente, que se une por características em comum, como a maneira de vivenciar o mundo por meio da experiência visual. Além disso, é pertinente discutirmos o conceito de identidade para então compreender as especificidades dos sujeitos Surdos. A identidade pode ser entendida como um conjunto de características comuns a determinados indivíduos, que os fazem sentir-se parte de uma comunidade específica.

Hall (2006) propõe uma aproximação do conceito de identidade com as diferentes interpretações que ela assume. O autor define três concepções distintas: o sujeito do Iluminismo, entendido como um indivíduo unificado, centrado, que permanece o mesmo; o sujeito sociológico, que é formado na relação com outras pessoas, é a identidade que se constrói por meio da interação; e o sujeito pós-moderno, compreendido como um indivíduo fragmentado, que assume várias identidades, sendo elas contraditórias e não resolvidas, ou seja, é aquele indivíduo que não se caracteriza com uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Compreende-se que o sujeito assume diferentes posturas identitárias, a depender do momento em que se encontra, ou seja, ela não é única e estática. É a partir dessa concepção de sujeito pós-moderno que compreendemos os Surdos e as identidades que eles assumem. Não se pode delinear-los como sujeitos únicos, pois, apesar de compartilharem uma experiência visual, apresentam vivências diferentes. Além disso, ao discutir as identidades surdas, devemos nos

afastar do conceito de corpo danificado, para que assim se compreenda a representação da alteridade cultural a qual indica de fato a identidade surda: “o caso dos surdos dentro da cultura ouvinte é um caso em que a identidade é reprimida, se rebela e se afirma em questão da original” (Perlin, 2015, p. 54).

O autor (2015) aponta que há uma relação de identidade de dependência em relação ao surdo, uma vez que a identidade surda sempre depende do outro semelhante para se construir. Essa relação de dependência é o que gera a identidade, “o encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda” (Perlin, 2015, p. 54).

A identidade surda não é única, o sujeito Surdo não é um ser homogêneo, ele possui fragmentações e uma multiplicidade identitária que se constrói a partir de suas vivências e experiências. Mesmo diante da concepção da identidade fragmentada, Perlin (2015) indica sete posicionamentos de identidades surdas, com o intuito de ressaltar a heterogeneidade presente nas comunidades surdas, enfatizando que essas identidades não são fixas, mas transitam entre os surdos, podendo eles apresentar várias identidades ao mesmo tempo.

As identidades surdas ou identidades políticas são aquelas que fazem o uso da experiência visual. Nessa identidade, estão sujeitos Surdos que se apresentam por meio de características culturais, “trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda do ser definitivamente diferente entre necessitar de implicações e recursos completamente visuais” (Perlin, 2015, p. 63).

As identidades surdas híbridas referem-se aos que nasceram ouvintes e por algum motivo tornam-se surdos. Eles fazem uso do Português falado, pois conhecem sua estrutura e possuem a experiência das duas línguas, a Libras e o Português. “Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais” (Perlin, 2015, p. 64).

Identidades surdas de transição são aquelas que passam a ter contato com a comunidade surda de forma tardia. Num primeiro momento, estavam sob a experiência ouvinte, vivenciando a oralidade e tardiamente transitam do mundo ouvinte para o mundo surdo, “normalmente, a maioria dos surdos passa por esse momento de transição, visto que é composta por filhos de pais ouvintes” (Perlin, 2015, p. 64).

Identidades surdas incompletas são aquelas em que os surdos vivem conforme as ideologias ouvintistas. A influência que os ouvintes exercem sobre os surdos é intensa e cria uma barreira difícil de ser quebrada, não há nenhuma tentativa de resistência por parte dos surdos contra os poderes exercidos pelos ouvintes, “aí pode dar início ao que chamo de situações dominantes de tentativa de reprodução da identidade ouvinte, com atitudes ainda necessárias para sustentar as relações dominantes” (Perlin, 2015, p. 65).

Nas identidades surdas flutuantes, os surdos vivem e se manifestam por meio da ideologia ouvinte, não possuem contato com a comunidade surda e têm seus comportamentos e aprendizados determinados pela cultura ouvinte: “existem alguns surdos que querem ser ouvintizados a todo custo. Desprezam a cultura surda, não têm compromissos com a comunidade surda. Outros são forçados a viverem a situação como que conformados a ela” (Perlin, 2015, p. 66).

As identidades surdas embaçadas são aquelas em que há uma representação estereotipada da surdez e a questão cultural dela é desconhecida.

Identidades surdas diáspora estão relacionadas a surdos que passam de um país para o outro, “ou até mesmo de um estado para o outro, portanto, esta identidade pode ser identificada como um surdo carioca, o surdo brasileiro, o surdo norte-americano” (Carvalho; Campello, 2022, p. 147). Esta é uma identidade fortemente marcada e presente.

Além dos sete posicionamentos apresentados por Perlin (1997), os autores Carvalho e Campello (2022) realizam um mapeamento indicando outras sete possíveis identidades surdas, reafirmando a questão do sujeito fragmentado, configurado com várias identidades.

Identidade surda Urubu-Kaapor diz respeito aos surdos indígenas. Devido a uma grande porcentagem de surdos nas aldeias, eles criaram a sua própria Língua de Sinais sem a influência externa. A etnia indígena chamada de Urubu-Kaapor existe há mais de 300 anos no sul do Maranhão.

As Identidades surdas com AASI¹⁹ são aqueles sujeitos que fazem uso de aparelhos auditivos, que “interferem nas relações familiares, fazendo com que o surdo se aproxime mais da família, podendo obter, com o aparelho, meios para se comunicar de maneira mais próxima, se expressando com mais eficiência”

¹⁹Aparelho de Amplificação Sonora Individual é uma ferramenta utilizada para ajudar pessoas com perda auditiva a ouvir melhor.

(Carvalho e Campello, 2022, p. 147).

Identidade surda com IC está relacionada aos surdos que possuem o implante coclear, que “consiste em um equipamento eletrônico computadorizado que substitui completamente o ouvido de pessoas que têm surdez total ou quase total” (Carvalho e Campello, 2022, p. 147).

Identidade étnica dos surdos: existem dez mil surdos no Brasil (Carvalho; Campello, 2022) e não se pode colocá-los como se fossem iguais. Os fatores que causaram a surdez são diversos, alguns nascem surdos por causas genéticas, outros por problemas que as mães tiveram na gestação.

É fato contumaz que alguns sujeitos surdos repentinamente declaram ter nascido surdos, muito embora saibam que na verdade tornaram-se surdos ainda quando criança por causa de doença, devido ao tratamento inadequado da doença, ou devido a outras razões pós-natais, entre outros fatores (Carvalho; Campello, 2022, p. 148).

A Identidade negra surda refere-se aos sujeitos Surdos que se identificam como negros. Há uma diferenciação de terminologia, sendo surdo negro, surdo preto ou negro surdo: “primeiramente vem a discussão sobre ser negro e depois sobre ser surdo, pelo fato de que visualmente falando, ser negro é o aspecto que fundamentalmente chama a atenção e em seguida a questão da pessoa surda” (Carvalho; Campello, 2022, p. 148).

A identidade surda unilateral é aquele sujeito que ouve apenas em uma orelha. É importante salientar que qualquer grau de perda auditiva é considerado surdez: “a perda auditiva unilateral pode ser responsável por dificuldades na aprendizagem, alteração de fala e linguagem, além disso, dificuldades socio-emocionais são atribuídas pela diminuição da audição apenas em uma orelha” (Carvalho; Campello, 2022, p. 149).

A identidade surdocega está relacionada a sujeitos que possuem duas deficiências: a surdez e a cegueira. A surdocegueira é considerada uma deficiência única e pode ter várias causas, como doenças congênitas, doenças adquiridas pela mãe na gestação ou acidente vascular cerebral. Também pode ser classificada de acordo com o momento em que se desenvolve, ou seja, antes ou depois da aquisição da fala.

As identidades surdas são múltiplas e complexas, estão em constante transformação e são constituídas nas trocas de experiências entre surdos e

ouvintes e surdos e Surdos. As discussões das diferentes identidades surdas nos permitem compreender a dimensão da cultura surda e desmistificam a representação de que os sujeitos Surdos são únicos e homogêneos. Apesar de possuírem características que se assemelham e partilharem da experiência visual e de uma língua em comum, não se limitam a sujeitos com uma identidade única e fixa: “para a construção destas identidades surdas prevalece sempre a identidade cultural que se caracteriza ao mesmo tempo como identidade política visto que estava o cerne das produções culturais” (Carvalho; Campello 2022, p. 150).

A apresentação das identidades surdas feita pelos autores apresentados neste tópico não tem o intuito de limitá-los a uma categorização física ou conceitual, mas apontar que há especificações no que se refere a suas experiências e características, inseridos na cultura e no povo surdos.

3.2 O contexto de criação e produção de *Crisálida*

Crisálida, a primeira série brasileira em Libras e Língua Portuguesa, tem ganhado grande repercussão no cenário nacional, como um produto midiático que gera impactos nas esferas social, política e educacional. Com uma proposta de produção audiovisual totalmente diferente das outras em seu contexto, ela evidencia a cultura surda e deixa em primeiro plano a língua visuoespacial, a Libras, que não é usada pela parcela majoritária da sociedade.

A obra foi vencedora do Edital de Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis para a produção do episódio-piloto, que estreou no FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul), em 2016. Este projeto-piloto deu origem ao curta-metragem que recebeu diversos prêmios²⁰, sendo licenciado para a TV Brasil.

Em 2016, o projeto foi ampliado para público adulto e desenvolvido em parceria com outras produtoras²¹. Ganhou o Prêmio Catarinense de Cinema para a produção da primeira temporada, que pré-estreou no ano de 2018, no Festival

²⁰Prêmio Exibição do Festival Internacional de Cinema Infantil; Melhor Montagem na Mostra SESC de Cinema; e Menção Honrosa do Festival de Cinema Infantil; Prêmio Catarinense de Cinema(2016 e 2019); Mejor Largometraje - FICSOR 2023.

²¹Arapy Produções, do jornalista Paulo Markun; a Raça Livre Produções, da autora e produtora Alessandra da Rosa Pinho e a TV-i Televisão e Cinema, da jornalista Laine Milan;

Internacional de Curta-metragem de Brasília, indo ao ar na televisão em 2019 na TV Cultura. Em maio de 2020, entrou para o catálogo da Netflix, no Brasil e em Portugal.

Diante da relevância e do impacto apresentados pela série, buscou-se desenvolver este tópico com o intuito de compreender o contexto de criação e produção da narrativa, como se deu a escolha das histórias, dos personagens e o objetivo pelo qual foi criada. Para isso, realizou-se uma entrevista²² com a produtora e criadora de *Crisálida*, Alessandra da Rosa Pinho (Anexo I).

A motivação para a criação da série se deu a partir do desejo de Alessandra em querer conhecer mais a respeitada cultura surda. É a partir deste contexto que a relação com a comunidade surda da produtora começa a se estreitar:

[...] Mais ou menos em 2012, eu queria mudar de vida. Eu queria trabalhar em outra área e comecei a fazer um curso para ser intérprete de libras, primeiro conhecer a cultura surda, fiz um curso básico de libras. E nessa época abriu o retorno de graduado na UFSC, e então, me matriculei para começar a graduação. Eu já tinha me formado em publicidade e claro, ali eu comecei a conhecer as histórias das pessoas surdas e eu estava achando que eu ia mudar de ramo, que eu ia ser intérprete (Pinho, 2023).²³

A partir desse contato com as experiências dos sujeitos surdos e as narrativas que os colegas e professores surdos contavam, a produtora ganhou inspiração para produzir algo que se relacionasse com o universo surdo.

[...] Eu comecei a ter acesso a várias histórias de colegas de aula, professores e eu meio que escrevi algumas coisas assim durante a aula e anotando, até que eu tive oportunidade de expressar sobre isso numa reunião no núcleo de criação da produtora que eu trabalhava, porque eu continuei trabalhando, não podia também sair assim de uma hora para outra né. Então, comecei a fazer a faculdade, eu era fixa de uma para as reuniões, aquela coisa, tipo eu fazia a produção de alguns programas para a televisão que eram fixos e teve um dia na reunião que na verdade nem foi eu, foi o Serginho que é o diretor da série, ele comentou: “olha, a minha esposa está fazendo aula de Libras, ela queria muito fazer alguma coisa sobre isso”. Na época, quem estava nessa reunião era o Paulo Markun, que hoje é um sócio do projeto. Então foi muito interessante assim, porque naquele momento os olhos do Markun brilharam né, o

²² A entrevista ocorreu no dia 1º de novembro de 2023, via plataforma *Google Meet*, com autorização da produtora para gravação e posteriormente transcrição, para ser utilizada para fins acadêmicos. Arquivo em posse do autor.

²³ Entrevista concedida ao autor, por webconferência, em 01 de novembro de 2023. Arquivo da entrevista em posse do autor

Serginho sempre comentou isso assim e acabou a reunião ali, tipo assim ele deu essa ideia, o Markun falou: “isso é legal, isso é legal” e ele acabou que ele todo mundo saiu e ele ficou conversando com o Markun, e depois ele voltou para lá e falou: “vamos tentar né, vamos fazer alguma coisa escrever um projeto” (Pinho, 2023).

Com a abertura do edital do Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis, específico para produções de projetos-pilotos para séries de TV, o projeto *Crisálida* foi inscrito para concorrer à seleção. Apesar disso, o projeto teve dificuldades em ser aceito e conquistar espaço.

[...] Em 2013, participamos do edital para poder fazer um piloto, porque como era um produto muito diferente as pessoas não davam espaço pra gente conversar sobre isso. Eles diziam, mas “como assim, uma série com Língua de Sinais?” Todo mundo tinha preconceito, assim ainda tem até hoje, mas era muito mais forte (Pinho, 2023).

O curta "*Crisálida*" (2018) narra a história de um adolescente surdo que convive com ouvintes sem ter o conhecimento da Língua de Sinais, porém, tem sua vida transformada quando passa a aprender Libras e reconstruir suas relações com o mundo e identidade. A obra foi exibida no Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM).

[...] Tivemos três sessões de 1.000 pessoas. Porque eram sessões com escola, então já tinha um público garantido, só que isso reverberou de uma maneira muito positiva, porque naquele dia que foi exibido curta, foi dia 22 de junho de 2016, a primeira vez. Começamos o projeto em 2013, produzimos e ganhamos o edital em 2014. Produzimos o filme em 2015 e só em 2016 conseguimos exibir. Então tinha muitas escolas presentes. E ali assim, foi uma coisa muito intensa porque muita gente saiu comentando e aquilo foi encontrado assim aqui em Floripa (Pinho, 2023).

O impacto que a série causa pode ser notado desde o seu início. Na estreia do curta, em 2016, a presença de *Crisálida* no festival repercutiu de diversas maneiras.

[...] E nesse dia o que aconteceu também dentro do FAM, é que tinha vários filmes juntos, sendo exibidos no mesmo dia e nenhum deles tinha legenda e tinha um monte de surdo lá. Então foi uma manifestação, teve toda uma questão política, foi muito bacana e eu fiquei numa saia justa gigante, porque eu estava sendo convidada pelo festival para mostrar o filme ali, são todos meus amigos, eles estavam apavorados: “-E agora, isso aí vai pra imprensa como é que vai ser”.

Então eles resolveram tudo. No dia seguinte teve sessão do *Crisálida* novo e todos os filmes estavam com legenda, eles conseguiram de um dia pro outro, fizeram uma força tarefa.

Eles queriam muito poder contemplar, mas era também falta de conhecimento, hoje em dia que estamos um pouco mais abertos para acessibilidade, mas realmente, há oito anos ainda estava começando, e recentemente tinha sido a Lei Brasileira de Inclusão, que foi em 2015, as normativas da Ancine que estavam exigindo que as obras nacionais ou produzidas com dinheiro público tivessem acessibilidade ainda não estava em vigor.

Então era tudo muito assim, iniciante, mas esse foi o nosso começo. Conseguimos fazer esse piloto, para começarmos a apresentar para canais de TV, para mostrar que o produto funcionava e que era viável (Pinho, 2023).

São dez anos de produção do projeto *Crisálida*. Os caminhos para o projeto-piloto ser transformado na primeira temporada não foram fáceis. A série como um produto diferente teve certa dificuldade para ser aceita, justamente pela especificidade linguística.

[...] Ninguém queria investir, participamos de muitos eventos. Colocamos muita grana nossa para poder estar viajando, porque esses encontros são no Rio, São Paulo. Várias pessoas diziam: não, não, não. Produzimos a primeira temporada graças a um edital público (Pinho, 2023).

O projeto foi contemplado novamente em um edital público para que a produção pudesse ser realizada, mas, apesar de o produto estar pronto, por causa de sua especificidade, ainda encontram barreiras para exibição.

[...] Nós nos inscrevemos no prêmio do cinema catarinense e o projeto foi contemplado em 2015 para 2016, produzimos só em 2018, porque tudo demora, até receber o recurso. Em 2018 filmamos e em 2019 estreou na TV Cultura e ficamos um bom tempo sem conseguir lugar para estar exibindo, mesmo com produto pronto.

A própria Netflix negou várias vezes, dizendo que não tinha interesse, depois foi pra TV Cultura, que foi muito legal, porque ela usufruiu também do *Crisálida* como um case para abertura da programação acessível da emissora (Pinho, 2023).

Um erro de percurso levou o trailer da série a ser exibido no canal da Federação Nacional de Integração ao Surdo (FENEIS) e, em menos de um dia, o vídeo atingiu mais de cem mil visualizações. No Facebook, teve mais de setenta mil e, em outro post da mesma rede social, chegou à marca de trinta mil visualizações. Após a primeira temporada ser contemplada, a equipe conseguiu finalizar a

gravação do projeto, que ficou quase um ano sem ser exibido, até a TV Cultura exibi-lo em sua programação.

Com o apoio da emissora, *Crisálida* ganha ainda mais visibilidade:

[...] O apoio que eles deram para o projeto, a valorização, o reconhecimento, saíram em jornais, publicações em 65 jornais no Brasil todo: Estadão, Meio & Mensagem. Então neste momento eu comecei a perceber a nossa responsabilidade em continuar. Porque quando é uma série tu tem que continuar. Com isso, eu voltei a entrar em contato com a Netflix e eles aceitaram, daí eles me falaram: “ - realmente tá sendo muito legal, vamos exibir” (Pinho, 2023).

A primeira temporada foi exibida entre 2020 e 2023. A diretora acredita que *Crisálida* repercute como uma produção de grande impacto social.

[...] Eu reconheço o impacto social dele, eu vejo o quanto é positivo, porque eu tenho muito feedback. Muitas pessoas entram em contato conosco, seja pelas redes sociais, pelo nosso site ou nos eventos em que participamos. Estamos sempre participando de uma roda de conversa ou outra, e assim, sempre as pessoas comentam: “- Ah eu aprendi ou eu comecei a aprender Libras porque eu assisti o *Crisálida*”.

Outro dia que gravamos a segunda temporada foi muito legal. Estávamos gravando, e chegou uma pessoa para conversar com a gente, o Bruno, ele foi figuração e ele falou que o sonho dele é trabalhar e ochamamos para fazer figuração. Ele contou pra gente que iniciou Letras-Libras na UFSC por causa do *Crisálida*. Hoje ele é intérprete aqui, está estudando (Pinho, 2023).

O impacto da série também se reflete no ambiente familiar das pessoas que têm parentes Surdos:

[...] O maior impacto é de pessoas que têm familiares surdos e que falam, “eu não sabia que era assim, obrigado por abrir meus olhos para eu poder estar me relacionando. Não sabia, não conseguia conversar com meu filho e agora eu estou aprendendo Libras”. Então isso é muito forte, de divulgar a cultura surda, de normalizar, de ter Libras na tela principal e não ser só uma janela de Libras (Pinho, 2023).

A segunda temporada da série conta com a participação de cinquenta e duas pessoas fixas na equipe de produção, quatro intérpretes de Libras em revezamento, cento e quarenta e dois atores com personagens e função narrativa, sendo quarenta e cinco Surdos e mais de quatrocentos figurantes. As gravações ocorreram em setenta e quatro lugares diferentes. Para a escolha do elenco, foram três dias de

testes, posteriormente, uma preparação foi realizada com a equipe, antes de as gravações oficiais iniciarem.

[...] Eu conheci muitas pessoas surdas da aula, meus colegas de faculdade, só que a gente tinha uma questão muito problemática mesmo assim, que era eles não eram atores, eram não atores na verdade, pessoas que não tinham experiência com set de filmagem, e a gente também tinha uma limitação financeira, eu não podia ter atores de fora né. Eu queria valorizar a nossa cultura obviamente, valorizar os nossos artistas locais, mas também assim, era bom se eu tivesse colocado um ou dois globais, ia dar outra diferença pro projeto, só que a gente não tinha como né, é cachê, hospedagem, transporte, alimentação é muita coisa daí se ia onerar demais o projeto né. Daí nossa opção foi trabalhar com atores daqui e chamar pessoas surdas para treinar (Pinho, 2023).

A criação dos roteiros e das histórias é realizada por uma equipe que as discute. Além disso, todos os roteiros passam por um consultor surdo, João Gabriel. Ele participa de todo o processo, desde a construção dos roteiros até a gravação oficial das cenas. A presença do consultor surdo expressa a preocupação em deixar que a cultura surda e seus aspectos fluam de forma natural. Os roteiros são escritos em Português e depois traduzidos para a Libras, para que as pessoas surdas e os ouvintes que estão aprendendo a língua possam estudar suas falas e personagens.

[...] O João Gabriel participa dessa construção dos roteiros conosco. Nós chamamos ele pra ler todos, conversamos, ele argumenta:“- ah isso aqui não tá legal, isso aqui não tá parecendo que é um surdo”. Porque eu não sou surda, eu sou ouvinte, então minha cultura é outra. Ele ajuda nesse sentido. Ele faz toda a tradução dos roteiros, acompanha todas as gravações, preparação dos ensaios com os atores, acompanha as gravações junto com o Serginho que é o diretor, então ele assiste todas as cenas em Libras junto na hora da gravação, ele que ensaiou com os atores antes (Pinho, 2023).

Para que a cultura do ouvinte não se atravesse nas narrativas, o consultor surdo tem um papel fundamental, amenizando as influências ouvintistas que podem surgir na construção das histórias. *Crisálida* foi pensada com o intuito de levar as pessoas ouvintes a conhecerem a Libras e a cultura surda.

[...] A nossa ideia também é que o público ouvinte se agregue mais ao projeto, porque a gente nunca pensou o *Crisálida* somente para surdos. A nossa ideia era justamente ao contrário, que ele fosse para que os ouvintes comesçassem a ter curiosidade sobre a cultura surda. Então claro que a comunidade surda é bem engajada, mas o nosso público são as pessoas ouvintes, a nossa meta é que os

ouvintes conheçam esse projeto, para que eles possam estar divulgando.

Porque assim, nós sabemos que não é uma minoria, 10 milhões de Surdos é bastante gente, mas temos uma maioria ouvintista, certo, então assim, as pessoas podem conhecer o projeto, começar a mudar sua visão de mundo. Eu sempre pensei nisso, eu quero que as pessoas ouvintes conheçam para que elas possam começar a Libras, aprender o básico (Pinho, 2023).

A partir desta conversa com a produtora de *Crisálida*, pode-se compreender o contexto de produção da série, bem como o impacto que ela gera.

Crisálida possui quatro produtos: o curta (2014), a primeira temporada da série com quatro episódios (2020), o filme (2020) e a segunda temporada, prevista para estrear em 2024.

3.3 Análises e interpretações da representação da surdez na série

Esta pesquisa propõe a análise da representação do sujeito Surdo em *Crisálida*, que enfatiza a Língua de Sinais e destaca o Surdo como protagonista. Como mencionado ao longo do texto, a discussão referente às representações é importante nos contextos em que se inserem os sujeitos Surdos, ao destacarem (ou estigmatizarem) as diferenças culturais e linguística deste povo.

Selecionamos a série *Crisálida*, uma ficção dramática bilíngue - Libras e Língua Portuguesa, por ser a primeira do Brasil neste formato. *Crisálida* tem a Universidade Federal de Santa Catarina como local onde se passa grande parte da narrativa.

A primeira temporada apresenta quatro episódios de trinta minutos, composta por atores surdos e ouvintes que têm contato com a Língua de Sinais e que fazem parte do cotidiano da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesta narrativa seriada, são retratadas algumas situações que os sujeitos surdos vivenciam em seu cotidiano, seja no ambiente familiar, social e até mesmo em questões psicológicas. Além disso, a todo momento a obra evidencia a Língua de Sinais, que representa a identidade de um povo que há muito tempo luta em busca de seus direitos e reconhecimento de sua língua.

A proposta de uma série audiovisual em Libras busca evidenciar os sujeitos que muitas vezes são esquecidos dentro de suas próprias redes de convívio, tais como família, escola e sociedade em geral. Ao evidenciar esta língua, esses sujeitos passam a ser percebidos. Ao se afirmarem como Surdos e

terem essa representatividade por meio de uma narrativa seriada, a diferença se produz, permitindo que outros se identifiquem e se reconheçam.

Para compreensão dos objetivos propostos, bem como para análise desta pesquisa, adotamos a metodologia baseada nas contribuições de Casseti e Di Chio (2013) e Azubel (2018; 2017), que propõem alguns procedimentos para análise de narrativas seriadas, sendo eles, a decomposição, a recomposição e a síntese interpretativa. A metodologia escolhida nos permite entender os fatos que ocorrem na cena, a partir de sua descrição, e analisá-los com base na problematização teórica proposta, para então promover uma interpretação mais abrangente.

A decomposição é a descrição, em que são reconhecidos os elementos do objeto de estudo. Nesta primeira parte, buscou-se descrever as cenas selecionadas com o intuito de extrair delas possíveis elementos que podem ser discutidos em articulação com os conceitos trabalhados nesta pesquisa.

Nesta primeira parte os episódios são decompostos em forma de texto, em que são extraídos aspectos julgados pertinentes do pesquisador: “vamos aplicar um ponto de vista ao existente, decidindo deter-nos aqui ou lá, reter a isto ou aquilo, subdividindo o objeto de um modo ou de outro” (Azubel, 2018, p.36).

Já a recomposição interpreta os fatos descritos com o objetivo de compreendê-los por meio da teoria (Azubel, 2018). Nesta segunda parte, o texto é reconstruído considerando seus objetivos e detalhes importantes para a interpretação, ou seja, sintetizam o objeto pesquisado e interpretam para que assim se possa compreender a realidade à qual se está exposta.

Ao final, a autora propõe a síntese interpretativa, que consiste em uma segunda interpretação ou reinterpretação, a fim de apresentar dados complementares, concorrentes e antagônicos da segunda etapa, a recomposição (Azubel, 2018).

Para fins de análise, foram selecionados alguns trechos considerados pertinentes para relacionar com a problematização desta pesquisa. As sequências de cenas escolhidas em cada episódio não seguiram uma delimitação temporal específica. O que se considerou foi a pertinência da temática abordada, em sua relação com os objetivos desta pesquisa. Assim, alguns episódios apresentam mais sequências de cenas para análises do que outros.

Diversos são os exemplos de personagens que podem ser elencados para discutirmos a representatividade do sujeito Surdo. Em alguns episódios, a série problematiza a representação do Surdo sob uma perspectiva capacitista que alguns ouvintes ainda têm do surdo. Mostra, por meio de personagens e vivências, como muitos consideram a surdez como uma patologia, com a crença na incapacidade do sujeito Surdo. Além disso, apresenta outros aspectos da surdez, como a cultura surda, a construção da identidade e o protagonismo Surdo. A seguir, seguem as análises efetuadas:

Sequência 1 (episódio 1, 8'41" – 9'15")

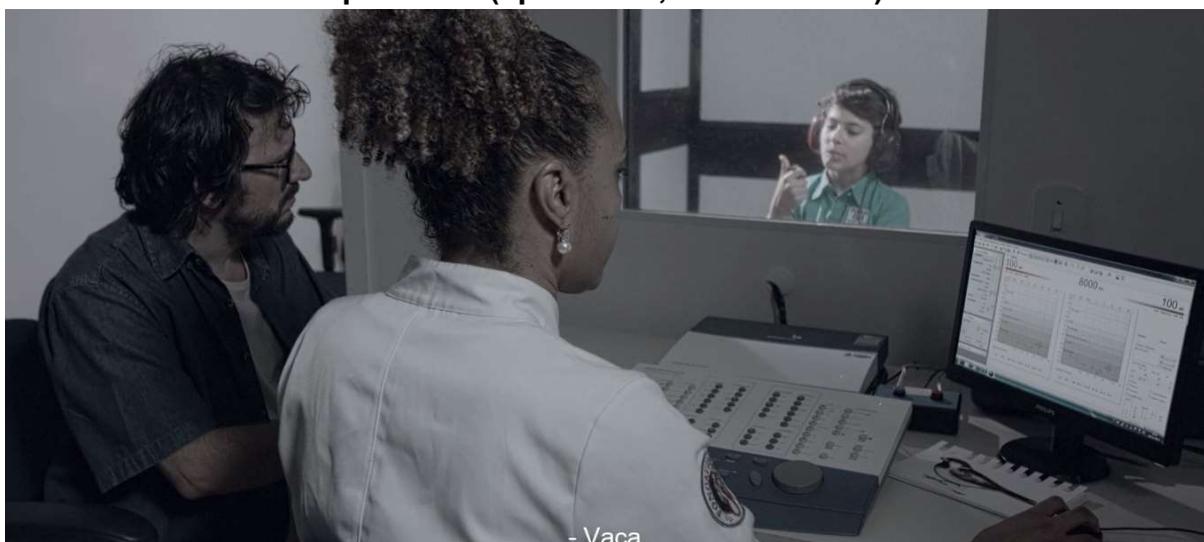


Figura 1: Rubens no consultório da fonoaudiologia com o seu pai.
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

O personagem Rubens (Cleiton Cesar Antunes) conversa com Jaks (Leandro Batz) no corredor da universidade em que fazem o curso de Libras. Ele relata a insistência de seu pai para que continue frequentando a fonoaudióloga, mas sente-se cansado de ter que ir aos atendimentos. Após este relato, a cena se direciona para *flashes* de memórias de Rubens.

A cena em preto e branco o mostra acompanhado de seu pai, Mário (Chico Caprario), no consultório de uma fonoaudióloga. Ainda em preto e branco, apresenta-se a fonoaudióloga mostrando algumas imagens para Rubens e solicitando que ele faça a pronúncia conforme ela aponta as imagens. O personagem faz tentativas de repetir o nome delas algumas vezes, entretanto, tem dificuldades em pronunciá-las corretamente. Em segundo plano, Rubens e a fonoaudióloga estão sentados, enquanto Mario, com expressão séria,

observando-os.

Recomposição

A cena apresenta uma visão oralista advinda do pai de Rubens, visto que ele acredita que a surdez do filho precisa de correção. Esta é a representação da surdez enquanto patologia, adotada por muitas famílias ouvintes com filhos surdos.

A lembrança apresentada na cena remete a momentos em que os surdos eram obrigados a oralizar e proibidos de aprender a Libras, como o período oralista, que perdurou por mais cem anos (Goldfeld, 2002). A representação posta aqui é a de um pai que não aceita a surdez de seu filho e a entende como uma deficiência que precisa ser corrigida, discurso advindo de uma perspectiva terapêutica da surdez (Fernandes, 2007).

Nota-se que, ao longo da série, há uma luta do filho, Rubens, na própria casa pela sua identidade surda, a todo momento resistindo às imposições oralistas do pai. A resistência do povo surdo ocorre em espaços privados, tanto quanto nos públicos.

Síntese interpretativa

Rubens, um adolescente surdo, que está em processo de construção de sua identidade surda, luta diariamente para que sua experiência possa se efetivar. Além disso, luta também pela aceitação no âmbito familiar, por parte do pai, que não compreende a sua construção identitária e a todo momento busca desconstruí-la por meio dos seus discursos oralistas. Os embates entre pai e filho mostram as diferenças identitárias e relacionais como uma disputa entre diferentes forças, bem como a influência que o pai exerce sobre o filho.

O desconhecimento da cultura surda e os estereótipos criados no pensamento de Mário repercutem na concepção de que o filho deve ser corrigido por meio de tratamentos e uso de aparelhos auditivos. Nesse contexto, o aparelho pode ser entendido como uma tentativa de normalizar o surdo ao modelo ouvinte.

Sequência 2 (episódio 1, 14'16" – 14'29")



Figura 2: Talita se pronunciando durante a aula de Libras
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

A cena a seguir ocorre na sala de aula da universidade. O professor surdo, que está acompanhado do intérprete de Libras, sente curiosidade em saber o que mudou na vida de seus alunos, desde que iniciaram o aprendizado de Libras. Ele aponta para uma das alunas, chamada Talita, e pergunta se ela conseguiu mudar o mundo como estava planejando nos primeiros dias de aula.

A cena corta para Talita (Camila Gallo), que se coloca à frente da classe para fazer seu relato. Ela fala ao mesmo tempo em que sinaliza (ato que se constitui como bimodalismo). Ela responde ao professor:

“Bom, eu pensei que podia ajudar o surdo. Mas eu percebi que vocês não precisam de ajuda.”

Enquanto fala, aponta para os Surdos que estão presentes na sala.

Recomposição

As falas da personagem Talita envolvem dois processos da concepção do sujeito Surdo. O primeiro, a construção de um estereótipo, comum à maioria dos ouvintes, que acreditam que devem “ajudar” o Surdo. Ela demonstra uma fala capacitista e assistencialista, que compreende o surdo como coitado, pensamento que advém de uma visão colonialista.

Em um segundo momento, percebe-se a desconstrução da representação

da surdez enquanto doença pois, a partir do momento em que a personagem passou a ter contato com a experiência surda, compreendeu as questões culturais deste povo, desconstruindo o pensamento habitual de que existe apenas a cultura ouvinte (Strobel, 2008).

Quando os ouvintes têm acesso à cultura surda e a compreendem, as visões e estereótipos ligados à medicalização passam a ser diminuídos e a visão cultural da surdez se difunde. Dessa forma, a descolonização do sujeito Surdo ocorre, como é proposto em *Deafhood*, que se caracteriza como uma forma de aceitação não apenas da cultura e identidade surdas, mas sim dos diversificados aspectos que envolvem o ser Surdo.

A difusão da cultura surda implica no conhecimento e no fortalecimento do Surdo enquanto povo, pois problematiza todas as relações que atravessam o sujeito Surdo, enfatizando um novo olhar que contradiz a cultura majoritária.

Síntese interpretativa

Pode-se relacionar a narrativa de Talita com as realidades de muitos ouvintes, que iniciam na área com a visão assistencialista e capacitista, por mais bem intencionada que seja. Acreditam que o surdo necessita de ajuda, porque seria inferior em algum aspecto. Esse pensamento advém de uma cultura que, por muitos anos, olhou para as pessoas com deficiência e para o surdo como seres inferiores, sem capacidade.

Esse pensamento é desconstruído a partir do encontro entre diferentes. Ao olhar para a cultura do outro e para sua experiência enquanto sujeito ouvinte, há uma autopercepção e o encontro de características que não cabem na sua realidade (Ladd, 2013). Esse exercício de olhar para a experiência do outro oportuniza ao sujeito aprender a respeito e com a cultura do outro, bem como entender que há outras identidades, sujeitos e culturas que também podem ser por ele pertencidas.

Sequência 3 (episódio 1, 14'31" - 14'39")



Figura 3: João relata sua experiência surda na aula.
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

A cena ocorre em sala de aula, quando o professor solicita para que os alunos façam relatos do que mudou na vida deles após o contato com a Libras. Na sequência, a cena foca no personagem João (Gustavo Gusmão Ferreira), que conta que é Surdo e aprendeu Libras depois de adulto. Pretende prestar vestibular para Engenharia.

Recomposição

Nesta cena, observa-se, a partir da narrativa contada por João, a representação de uma identidade surda. Ao relatar que aprendeu a Língua de Sinais depois de adulto, percebe-se que durante sua infância e adolescência esteve seguindo um modelo ouvinte, supõe-se que ele usava da oralidade ou do recurso da escrita para se comunicar com as pessoas. Verifica-se uma possível identidade de transição, visto que vivenciou grande parte de sua vida com ouvintes e num certo momento passou a pertencer à comunidade surda (Perlin, 2015).

Outro aspecto que pode ser discutido a partir da narrativa em torno de João é sua experiência surda. A decisão de usar a Língua de Sinais, quando adulto, pode nos levar a supor um cenário ouvintista em sua história, em que a Libras não era permitida e suas experiências eram totalmente ouvintes.

Ao conhecer a comunidade surda, ocorre o processo de se autoperceber, quando ele observa outros Surdos e entende que compartilham características em comum. É dessa maneira que ele vai se constituindo enquanto Surdo

sinalizante. Neste fato, encontramos o primeiro aspecto da experiência surda abordada por Perlin (2003), em que o sujeito Surdo, em contato com outro Surdo, constrói a sua identidade e vive um deslocamento cultural, pois passa de uma experiência ouvinte para uma surda.

Síntese interpretativa

A história de João permite ressaltar alguns aspectos que podem ser observados na comunidade surda. A aquisição da Língua de Sinais de forma tardia é realidade de muitas pessoas surdas, e diversos fatores podem explicar esse aprendizado tardio, como pertencer à família ouvinte que desconhece a Língua de Sinais e a cultura surda. Cerca de 95% dos surdos nascem em famílias ouvintes (Pizzio; Quadros, 2011).

Em consequência disso, percebe-se a construção do ser surdo do personagem de forma tardia, pois iniciou seu contato com a Libras depois de adulto. Pode-se considerar, então, que durante parte da vida ele esteve sob a experiência da identidade surda e completa, que é aquela em que o sujeito surdo se baseia nas ideologias ouvintes (Perlin, 2015). Contudo, quando em contato com a Língua de Sinais, adquire outra identidade e vai se construindo enquanto Surdo.

Diversas podem ser as facetas identitárias construídas pelo personagem João, não consideramos que ele pertença a essa ou aquela, mas sim que é atravessado por vários componentes, que advêm das influências dos contextos por ele vivenciados.

Sequência 4 (episódio 1, 18'11" – 20'44")



Figura 4: Morgana apresentando-se para a mãe de Jaks
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

Esta sequência pode ser dividida em quatro fatos considerados marcantes para o enredo da trama, pois se trata do relacionamento entre um ouvinte e uma surda, Jaks e Morgana (Angela Okumura). A cena ocorre na casa dos pais de Jaks.

Na primeira sequência, Jaks abre a porta da casa dos pais e logo atrás dele está Morgana. A mãe, Rosa (Solange Adão), vai contente recepcioná-los. Morgana está com uma expressão angustiada, tensa e nervosa. Quando são apresentados, Jaks fala e sinaliza; neste momento, a cena foca na expressão de Rosa, que muda de feição imediatamente e dirige seu olhar ao marido, Carlos (Adriano Brito), que está sentado à mesa. Morgana sinaliza, cumprimentando-os, e a expressão de Rosa se intensifica ainda mais.

Na sequência, todos estão sentados à mesa para jantar, a cena se direciona para Carlos, que elogia Morgana para Jaks, entretanto, com certo sentido de preconceito ao dizer: “sua namorada é muito bonita, mas...”, sendo em seguida impedido de terminar. A câmera foca em Morgana, que aparenta estar incomodada com a situação.

Na terceira sequência, o foco está em Rosa, que tem curiosidade em saber como Morgana ficou surda. Em sua pergunta, ela usa as palavras “acidente” e “doença” para referir-se à surdez. Jaks, ao ouvir isso, sente indignação e explica para sua mãe que surdez não é doença e essa fala não é adequada. O foco da cena volta-se à Morgana, com a expressão triste e decepcionada.

Na quarta sequência, Carlos, no intuito de aconselhar Jaks acerca de seu relacionamento, refere-se à Morgana como surda-muda, dando a entender que relacionamento assim não era bom.

Recomposição

Ao refletirmos no tocante às falas e o contexto que se instaura nessas sequências, notamos as representações de uma visão estereotipada da surdez. Como exemplo, quando as personagens de Jaks (ouvinte) e Morgana (Surda) vão conhecer a família dele e seus pais têm uma surpresa ao saber da sua surdez. Morgana a todo momento se mostra preocupada, pois tem conhecimento de que pode ser associada aos estigmas advindos de uma sociedade majoritariamente ouvinte.

Quando os pais de Jaks usam os termos doença e surda-muda, estão fazendo alusão à visão clínico-terapêutica da surdez (Sá, 2006), que a vê como uma patologia que necessita de correção. São resquícios que as pessoas ouvintes carregam a respeito dos surdos, devido à falta de conhecimento das questões culturais da surdez.

Síntese interpretativa

Quando se discute a respeito de estereótipo e estigmas, que são entendidos como a atribuição de características morais ou físicas ao indivíduo com o intuito de colocá-los em uma posição inferior, ou a referência a eles de forma negativa (Leite, 2005), ainda que inconscientemente, os pais de Jaks atribuem a Morgana essas características por meio de suas atitudes. Eles inclusive sinalizam que o relacionamento entre duas pessoas tão “diferentes” pode não dar certo.

A falta de conhecimento e as crenças compartilhadas pelo coletivo social influenciaram esta visão. A preocupação com o relacionamento do filho revela o preconceito cultural internalizado, causado pela visão terapêutica da surdez que produz e reproduz percepções sociais dos surdos como deficientes e incapazes (Fernandes, 2007).

Sequência 5 (episódio 2, 27'25" – 27'47")



Figura 5: Rubens sentado à mesa com seus pais
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

A cena ocorre na casa de Rubens, ele e seus pais estão sentados à mesa para almoçar. Rubens está conversando em Libras por vídeo-chamada no celular.

Mário, seu pai, incomoda-se com isso e o repreende.

Neste momento, Rubens fala ao pai que estava conversando, assim como ele e a mãe conversavam. Mário não entende o que o filho disse, devido ao fato de ele ter sinalizado, então volta-se à esposa Vera para que ela explique.

Na sequência, a cena foca em Mário, que tem uma expressão de descontentamento e seriedade.

Recomposição

A partir da fala de Mário, que se sente incomodado ao ver o filho sinalizando, percebe-se que ele ainda não compreende Rubens como um surdo sinalizante e que a Libras é o meio de comunicação e expressão dele.

A relação de pai e filho também é afetada pela fragilidade da comunicação entre ambos e pela insistência do pai em querer normalizar o filho. Como aponta Skliar (2015), alguns discursos dominantes buscam mascarar a normalização que objetivam. É o caso de Mário que, com seus discursos, tenta justificar porque o uso da oralidade e de aparelhos será benéfico para o filho, ignorando a construção da identidade que Rubens tenta estabelecer.

Por outro lado, Vera, a mãe, se mostra compreensiva com a surdez do filho e demonstra aceitação da identidade surda que o filho tem construído. Nesta cena, estão representadas muitas famílias que possuem filhos surdos e desconhecem a cultura surda, não os aceitando enquanto sujeitos com características diferentes.

Sequência 6 (episódio 3, 09' 00" - 09'39")



Figura 6: Rubens na saída do teatro conversando com outros surdos
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

Após finalizar o ensaio no teatro, Rubens se direciona para a saída e é abordado por alguns amigos que perguntam o motivo de parecer triste. Rubens conta que é devido à insistência de seu pai para que ele use implante coclear. Na sequência, um de seus amigos relata que existem pessoas surdas que gostam de usar o aparelho ou implante, e mostra que faz uso do aparelho auditivo, relatando de forma breve como foi a experiência, em seu começo.

Rubens responde aos colegas que a Libras já é suficiente para ele e ressalta a necessidade de ter um intérprete de Libras em sala de aula.

Recomposição

Quando Rubens conversa com seus amigos sobre os implantes e aparelhos auditivos, constatamos outra representação da surdez. Nesta cena, pode-se compreender que os sujeitos surdos constroem identidades diferentes, a partir das próprias experiências e subjetividades. Como apontam Carvalho e Campello (2022), as identidades surdas são múltiplas e complexas, estão em constante transformação, e percebe-se aqui surdos que são sinalizantes e outros que são adeptos aos aparelhos auditivos, para constatar a representação do Surdo como um sujeito de múltiplas identidades que se atravessam e se complementam.

Síntese interpretativa

Ressalta-se a contextualização do conceito *Deafhood* nesta cena, ao sugerir olhar para o outro e aprender com suas experiências (Ladd, 2013), ou seja, perceber que há diferentes experiências surdas que constituem a cultura surda, as quais dependem de diversos fatores para se consolidar.

A troca de experiências com os colegas nos levam a compreender que os sujeitos Surdos não são homogêneos e iguais, não se pode colocá-los em uma mesma “caixa identitária”: “cada surdo tem suas experiências, suas diferenças” (Perlin, 2003, p.96). Apesar de partilharem de uma mesma língua, os contextos de aprendizado e de vivências foram diferentes, cada sujeito carrega consigo traços adquiridos e construídos. Essas influências os constituem enquanto sujeitos e isso também se manifesta na constituição do ser Surdo.

Sequência 7, (episódio 3, 15'43'' - 16'58'')



Figura 7: Rubens quando era criança na garagem com seu pai.

Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

Na aula de Libras, o professor surdo Miguel (Alexandre) explica o Congresso de Milão, que ocorreu em 1880, contextualizando que a partir deste evento houve a proibição da Língua de Sinais por mais de cem anos. Rubens tem *flashes* de lembranças de quando era criança e seu pai o incentivava a oralizar. A cena se torna preta e branca para representar a memória de Rubens. Na garagem de sua casa, seu pai mostra alguns objetos e pede para que ele repita a pronúncia das palavras. Faz isso algumas vezes, até que a memória de Rubens é interrompida pelo professor que lhe pergunta se está tudo bem. Rubens responde que estava refletindo como ainda hoje ocorrem fatos parecidos ao período do Congresso de Milão.

Recomposição

Nesta cena, pode-se notar como a influência do oralismo perpetua-se na vida de alguns sujeitos surdos. É notório que o pai de Rubens carrega consigo alguns estigmas e resquícios da medicalização da surdez, pelas diversas tentativas de fazer o filho oralizar. Apesar de não vivenciarmos um período oralista, que perdurou por mais de cem anos (Skliar, 2015), há um exemplo claro das tentativas de correção e normalização da surdez por meio das atitudes do pai de Rubens.

Quando refletimos o contexto histórico da surdez, percebemos que os surdos eram obrigados a fazer uso da oralidade, mesmo quando não conseguiam

com exatidão. Nas atitudes de Mário, podemos encontrar essa mesma concepção de que todo surdo consegue oralizar, pois em vários momentos ele instiga seu filho a oralizar, negando a existência de uma cultura e identidade surdas.

Síntese interpretativa

O oralismo deixou muitas marcas na comunidade surda, que reverberam ainda hoje com discursos assistencialistas e capacitistas (Skliar, 2015; Rocha, 2016), que buscam mascarar a normalização do sujeito Surdo. Tal construção, tende a valorizar o modelo ouvinte e negar a subjetividade do Surdo, pois culturalmente construiu-se a ideia de padronização do Surdo pela cultura ouvinte, que em alguns casos entende a Língua de Sinais como um empecilho para o desenvolvimento do Surdo (Rocha, 2016).

A concepção oralista e as práticas advindas desse período tentaram invalidar o sujeito Surdo e apagar traços identitários e culturais, deixando um impacto negativo na vida deste povo, levando-os a vivenciar um holocausto linguístico, cognitivo e cultural (Skliar, 2015), que ainda tem raízes em gerações do povo Surdo.

Sequência 8 (episódio 3, 21'37" - 22' 51")



Figura 8: Rubens em seu quarto conversando com o pai.
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

Esta cena ocorre no quarto de Rubens, que está mexendo em seu computador portátil. Em seguida, seu pai entra no quarto para conversar. Mário se aproxima e fala com Rubens. Quando se senta, o filho digita que não está entendendo, porque o bigode do pai atrapalha na leitura labial. A partir daí,

estabelecem a comunicação pela escrita, Mário digita e fala ao mesmo tempo. Em certo momento do diálogo, o pai escreve que está juntando dinheiro para comprar o aparelho para Rubens, para que assim ele possa ouvir.

Ao ler as palavras do pai, Rubens se revolta e sinaliza para que o pai use o dinheiro para contratar um intérprete para a escola e sai do quarto. Mário não compreende e, neste momento, Vera entra no quarto e explica a ele o que o filho disse. Mário ainda argumenta que Rubens precisa de ajuda médica, que esse é o melhor caminho para o filho, e não a Libras ou um intérprete.

Recomposição

Pode-se constatar o quão intensa é a representação da visão terapêutica da surdez quando notamos as ações e os discursos de Mário. A todo momento, ele enfatiza a correção da surdez do filho e a insistência para ele possa ouvir. Seu comportamento sugere que não são consideradas as questões identitárias que Rubens vem construindo desde que começou a ter contato com a comunidade surda. Um processo de preconceito por causa de um pensamento colonial (Soares, 2020), além de resistência à construção do *Deafhood* pelo filho.

Nota-se o embate entre Mário e Vera, no sentido de que um compreende a especificidade linguística do filho e o percebe enquanto diferença cultural, sem a necessidade de correções ou mudanças; e o outro acredita que a melhor saída é a ouvintização do filho, ignorando a vontade que Rubens tem em usar a Libras, em ser surdo sinalizante que pertence a uma minoria linguística.

A insistência do pai em que o filho oralize é algo recorrente em todos os episódios de *Crisálida*. A não aceitação da surdez do filho é uma representação comum no mundo ouvinte, visto que muitos não dispõem de informações a respeito da surdez e acabam seguindo as orientações médicas de que os implantes e aparelhos auditivos são a melhor e mais adequada forma para que o surdo possa interagir na sociedade, pois o pensamento oralista associa a eficiência oral ao desenvolvimento cognitivo (Alpendre, 2008).

A ênfase nesses discursos se dá para traçar uma narrativa oralista que, ao final, deve ser desmistificada e passa por um processo de desconstrução da ouvintização do sujeito surdo. A resistência de Mário é a representação real da imposição oralista que afetou os surdos.

Síntese interpretativa

A tentativa de apagamento da identidade é perceptível no decorrer da narrativa, por meio das atitudes do pai. A dificuldade em aceitar a surdez do filho pode ser relacionada ao desconhecimento da cultura surda, devido à crença de que existe apenas uma cultura (a ouvintista, no caso) e somente esta deve ser considerada (Strobel,2008). Esse pensamento influencia a concepção de surdo construída por Mário. Há um longo percurso de compreensão e aceitação que ele necessita traçar para aceitar a identidade surda do filho.

Desvincular-se das influências ouvintistas é um processo difícil, que pode ser acompanhado durante a narrativa, no caso, a defesa de uma visão clínico-terapêutica que vem a ser desconstruída e a mudança de visão sobre a concepção de surdo.

Percebe-se novamente as tentativas de Mário de inferiorizar a cultura surda adotada pelo filho. O incômodo ao ver a sinalização mostra a repressão e a aversão à Língua de Sinais. Cada embate de Rubens, quando se posiciona e responde ao pai, mostra que ele resiste e é consciente de uma identidade surda política, que usa a Língua de Sinais e se reconhece enquanto surdo. Quando Rubens sinaliza para o pai, mesmo sabendo que ele não tem conhecimento da língua, demonstra essa resistência, posto que a Língua de Sinais é um elemento crucial da construção cultural, identitária, linguística e social do surdo (Alcântara; Neto, 2020).

Sequência 9 (episódio 4, 5'36'' - 14'55'')



Figura 9: Gustavo apresentando o seu projeto aos donos de uma empresa.
Fonte: Série *Crisálida*

Decomposição

Gustavo é um jovem surdo, que domina a área tecnológica. Nesta cena, ele vai a uma empresa com o intuito de apresentar uma pulseira que desenvolveu. Ao chegar na sala de reuniões, acompanhado de uma intérprete, é recepcionado por Santiago (Renato Turnes), que fica surpreso quando Gustavo diz que é surdo e está com uma intérprete.

Eles vão até a mesa de reuniões, onde está Aguiar (Carlos Zoega), chefe da empresa. Gustavo inicia a apresentação do seu projeto e a câmera foca nas expressões de Aguiar, que parece desconfiado e transmite desaprovação. Neste momento, percebe-se que os questionamentos de Aguiar não são direcionados a Gustavo, mas à intérprete. Ele pergunta se foi ela quem ajudou-o a fazer o projeto ou se ele fez sozinho. Quando Gustavo responde à pergunta, afirmando que foi ele quem fez as pulseiras, o foco se direciona para Aguiar, com expressão de desaprovação.

Em seguida, Santiago pergunta a respeito dos investimentos, Gustavo responde e é interrompido por Aguiar, que diz a Santiago ser necessário ter calma, que depois entrariam em contato. Ao se referir a Gustavo, Aguiar usa os termos “mudinho” e “deficiente auditivo”, sendo corrigido pelo colega Santiago. Aguiar, de forma ríspida, diz a Santiago que a empresa não trabalha com cotas e estava interessado em apostar as fichas em outra coisa.

Recomposição

Apesar de Gustavo apresentar sua experiência e um produto que poderia ter grande sucesso, não tem a oportunidade necessária, pois é notório o preconceito por parte do chefe da empresa, Aguiar. Ao analisarmos as ações e falas dele, podemos relacioná-las aos discursos sobre a incapacidade do surdo, trazendo à tona a ideia de que “há uma dependência entre a eficiência oral e o desenvolvimento cognitivo” (Alpendre, 2008, p.3), por isso Aguiar o considera incapaz.

Quando Aguiar se direciona à intérprete para perguntar sobre a produção das pulseiras, é nítido que não confia na capacidade de Gustavo, tanto em desenvolver o produto quanto em se comunicar, evidenciando neste momento uma visão estigmatizada que coloca Gustavo em uma situação de inferioridade e descrédito (Goffman, 1988).

Os termos pejorativos utilizados pelo empresário são outro indício do preconceito e do estigma para com o Surdo. Além disso, ao mencionar que a empresa não trabalha com cotas, dá a entender que o Surdo só pode atuar, ou só tem capacidades intelectuais e profissionais, se inserido nesse sistema.

Percebemos que surdos ocupam poucos cargos considerados de prestígio na sociedade, a maioria está em empregos pesados e de produção manual, devido ao estereótipo e estigma de que não possuem capacidade.

Síntese interpretativa

São atribuídas a Gustavo características de incapacidade e deficiência, pois a visão estereotipada que está internalizada em Aguiar é manifestada de maneira nítida. Percebe-se também a valorização do modelo ouvinte, quando ele ignora a existência de Gustavo, tornando a sua cultura e identidade invisíveis (Sá, 2006), e direciona seus diálogos apenas para a intérprete.

As tentativas de negar a existência surda são bem marcantes nas atitudes de Aguiar, porém, Gustavo, por meio da Língua de Sinais, busca resistir a esses embates.

Essas atitudes representadas por Aguiar são pautadas por estereótipos que geram a exclusão social (Soares, 2020) de Gustavo, que não tem a atenção necessária e o tratamento adequado, mesmo com a presença da intérprete fazendo a mediação da comunicação. O forte preconceito relaciona-se a um pensamento colonial em que ser falante é considerado ser humano (Soares, 2020).

Sequência 10 (episódio 04, 13'24'' - 13'44'')



**Figura 10: Gustavo na delegacia após sofrer uma agressão.
Fonte: Série *Crisálida***

Decomposição

A cena é o recorte de uma lembrança de Gustavo. Ele aparece em uma delegacia, pedindo ajuda devido a uma agressão que sofreu. Gustavo, nervoso, explica a situação ocorrida para o delegado, que ouve, mas não toma nenhuma atitude.

Diante da passividade do delegado, Gustavo se exalta exigindo que ele tome uma atitude, e que algo seja feito em relação à agressão sofrida. Ao perceber a exaltação de Gustavo, o delegado pretende prendê-lo para que se acalme. Neste momento, chega o intérprete Bruno (Tiago Telles) para ajudar.

Quando Bruno se apresenta como intérprete, o delegado simplesmente pede para que retire Gustavo da delegacia e os dois vão embora.

Recomposição

Essa cena mostra como muitas vezes a existência do sujeito Surdo é negada, talvez pelas percepções sociais ouvintistas de que são sujeitos “deficientes da linguagem, deficientes da audição, deficientes da cognição” (Fernandes, 2007, p. 48). Reivindicações e direitos em alguns contextos são ignorados.

A falta de comunicação e a falta de tentativas de compreensão são problemas que alguns Surdos vivenciam quando necessitam de um atendimento público, pelo fato de muitos ouvintes sentirem-se superiores ao surdo (Sá, 2006). Além disso, a relação de poder que o delegado demonstra, de sua perspectiva ouvintista, fortalece os estereótipos, não tomando nenhuma atitude diante do exposto por Gustavo.

Síntese interpretativa

A cena apresenta alguns pontos importantes para reflexão. A atitude do delegado de não apurar o caso e fazer os procedimentos necessários diante da denúncia de Gustavo leva-nos a perceber como alguns ambientes tratam as pessoas surdas. A não preocupação em resolver o caso se dá simplesmente pelo fato de ser um sujeito Surdo necessitado de ajuda. Nesta atitude estão os resquícios da ideia capacitista de que o Surdo não tem cognição para um bom desenvolvimento (Veloso e Maia, 2009) e, por isso, não merece atenção diante de situações que o coloquem em risco. Quanto ao preconceito e à analogia de que o surdo é incapaz (Fernandes, 2007) e pode ser ignorado, visto que sua existência deve ser apagada, percebe-se uma forte concepção oralista, terapêutica da surdez.

4. Interpretação geral de *Crisálida*

Crisálida discute diferentes perspectivas do sujeito Surdo e da surdez; durante todo o enredo são notórias a construção e a desconstrução de discursos advindos do período oralista, quando a surdez era extremamente estigmatizada e os Surdos segregados por serem considerados anormais e incapazes. A construção da experiência surda apresentada em *Crisálida* ocorre de diferentes formas, que se relacionam com o contexto de vida em que cada um dos personagens está inserido, além disso, é possível encontrarmos diversas identidades surdas no desenvolvimento da narrativa.

Ao analisar a série, articulando-a com os conceitos discutidos no campo dos Estudos Surdos, entende-se que a narrativa busca alterar a visão colonialista da surdez e promover o acesso à cultura surda, bem como o conhecimento e o reconhecimento a respeito do universo o qual os sujeitos Surdos vivenciam. A ressignificação da surdez enquanto diferença (Fernandes; Terceiro, 2019) é um fator marcante em todos os contextos apresentados pela narrativa, que faz um percurso significativo demonstrando aspectos essenciais para o entendimento da cultura surda e da maneira surda de ser.

Ao apresentar personagens ouvintes com diversas visões estereotipadas da surdez, a obra promove uma reflexão acerca da forma como o Surdo é entendido por pessoas que desconhecem sua cultura e não o reconhecem enquanto sujeitos com especificidades. Ao apresentar essas narrativas estereotipadas, a série propõe uma inversão nesta visão, que se dá a partir do contato e do conhecimento da cultura surda. Segundo Rincón (2006), uma das características presentes em narrativas são esses conflitos, os quais demonstram como o Surdo pode ser entendido a partir de uma perspectiva que o valorize e o coloque enquanto protagonista na construção de suas vivências e experiências.

Esse protagonismo apresentado em *Crisálida* permite a discussão e a compreensão de outro conceito marcante que se faz presente em toda a série, o desenvolvimento do *Deafhood* em personagens Surdos, que a todo o momento encontram-se em um espaço de luta pelo direito de Ser Surdo e pelo uso de sua Língua, afirmando-se e reafirmando-se enquanto uma minoria linguística, em um país em que a maioria das pessoas faz uso de uma língua oral auditiva.

A constituição do ser surdo, o *Deafhood*, é um processo que perpassa

questões linguísticas, agrupando aspectos do ser, ou seja, a maneira surda de ser não se restringe apenas ao uso da Língua de Sinais. Ela é um fator crucial que representa a resistência e a luta do povo surdo (Alcântara; Neto, 2020), mas há que se considerar outras influências culturais e contextos aos quais o sujeito surdo é exposto para a constituição de seu ser (Ladd, 2013).

Ao analisarmos as sequências selecionadas, ressalta-se que a série problematiza questões cotidianas que ocorrem com sujeitos Surdos. As representações apontam a compreensão da surdez enquanto diferença, entretanto denunciam o olhar ouvintista que grande parte da sociedade ainda possui. Os estigmas e estereótipos encontrados em alguns discursos dos personagens apontam que o processo de descolonização do sujeito Surdo ainda não se findou, e que é necessário apontarmos os caminhos para a compreensão cultural em torno do sujeito Surdo.

As diferentes experiências surdas que se manifestam na série permitem a compreensão de que os sujeitos Surdos são múltiplos e possuem diferentes identidades (Perlin, 2015), que se constroem de acordo com o contexto ao qual estiveram expostos.

Nesse sentido, a experiência surda envolve diversos fatores que delineiam a identidade pessoal e coletiva, com a ênfase de que os sujeitos podem ser atravessados por diversas identidades, sendo elas manifestadas em contextos diferentes.

A reflexão apresentada por *Crisálida* a respeito da construção das identidades surdas leva-nos a entender que os sujeitos Surdos se apresentam de diversas formas, não sendo possível colocá-los em uma tipologia única do que é ser Surdo, e afirmar que se caracterizam por apenas esta ou aquela identidade. A experiência surda não é algo comum a todos os sujeitos, cada surdo constrói uma identidade, uma experiência que pode ser diversificada (Perlin, 2003). Entende-se que o povo surdo, apesar de possuir raízes em comum, configura uma multiplicidade identitária, não sendo possível colocá-los no mesmo "pacote" e anunciar que a cultura surda é isto ou aquilo, pois as identidades não são únicas (Hall, 2006).

A categorização das identidades surdas discutidas no capítulo 3 tem como objetivo perceber as possíveis características que um sujeito pode apresentar e

circular dentre todas essas identidades, sendo influenciado pelo contexto a qual foi inserido e construindo sua experiência.

As experiências surdas são múltiplas, como apresentadas na narrativa, e quando refletimos a respeito delas, percebe-se que o contato entre os sujeitos Surdos gera troca de aprendizados, conhecimentos e reconhecimentos, além disso, entende-se também que apesar de compartilharem características em comum, vivenciam experiências diferentes que se conectam pelo uso da Língua de Sinais e pela própria experiência visual.

As discussões realizadas no andamento desta pesquisa foram propícias para que compreendêssemos como as narrativas midiáticas representam um papel essencial nas lutas das minorias linguísticas, na difusão de uma língua e cultura (Ferreira, 2018).

As mídias fornecem os instrumentos necessários para a construção das identidades (Kellner, 2001). Além disso, fortalecem e auxiliam na luta contra os discursos dominantes. Por meio delas, os sujeitos podem estabelecer conexão e agregar mais pessoas para lutar em prol de seus ideais, auxiliando na desmistificação de estereótipos e preconceitos em relação às diferentes culturas.

A cultura midiática é um campo de competição, em que diferentes grupos sociais lutam por suas ideias, e as pessoas experimentam essas disputas por meio de representações visuais, discursos e narrativas associadas a elas. Isso possibilita a elaboração de ferramentas para a formação de identidades, o fortalecimento cultural e a resistência (Kellner, 2001).

Crisálida, ao ser uma série bilíngue que enfatiza a Língua de Sinais, uma língua usada por uma parcela minoritária da sociedade e pouco valorizada, fornece à comunidade surda os instrumentos necessários para a reivindicação de seus direitos e os espaços adequados para luta por seu reconhecimento enquanto povo que possui uma especificidade linguística. Nesse sentido, enquanto narrativa midiática, ela fortalece e difunde a cultura surda, além disso, se contrapõe aos discursos dominantes que compreendem o Surdo como deficiente e buscam a sua normalização à cultura ouvintistas.

Considerações finais

Esta pesquisa discute as concepções referentes ao sujeito Surdo, problematizando-as a partir dos conceitos de identidade, alteridade e representação, sob a perspectiva dos Estudos Surdos, para que dessa forma pudéssemos entender como o protagonismo e a representação da surdez são problematizadas na mídia a partir da análise de *Crisálida*, uma série bilíngue Libras – Língua Portuguesa, a primeira produzida neste formato no Brasil. A obra propõe uma discussão em torno das situações vivenciadas por sujeitos Surdos e problematiza as questões culturais e identitárias desses sujeitos, com o intuito de difundi-la para que as pessoas ouvintes conheçam e compreenda o Surdo em sua especificidade. A narrativa também é produzida e gravada na UFSC, uma das Universidades pioneiras e referência quando se pensa em pesquisas na área da surdez.

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu compreender parte do caminho percorrido pelo povo surdo para ocupar diferentes espaços e conquistar o direito pelo uso de sua Língua e de sua maneira Surda de ser. O percurso teórico e metodológico traçado buscou uma contextualização histórica a respeito das principais concepções e ideologias em relação ao sujeito Surdo, além disso, as discussões voltam-se a conceitos relevantes para o entendimento de alguns aspectos cruciais quando se discute a surdez e o sujeito Surdo por uma visão cultural.

As problematizações presentes nesta pesquisa partem das experiências do pesquisador com o povo surdo. Este grupo tem utilizado as mídias para reivindicar seus direitos e manifestar sua língua e cultura. Diante disso, houve o interesse em entender o papel da mídia na propagação da cultura surda e como isso impacta o entendimento das pessoas ouvintes sobre a concepção de Surdo.

Descrever e compreender a cultura surda possibilita reflexões acerca de como a sociedade tem olhado para este povo ao longo do tempo. Além disso, nos permite perceber como essa visão tem sido alterada por meio da resistência do povo surdo, considerado minoria, mas não em quantidade. Minoria no sentido de usar uma língua de modalidade visual-espacial e que poucas pessoas se permitem acessar.

Os desafios e os problemas enfrentados e abordados pela série apontam

também que as oportunidades para sujeitos Surdos são restritas, os olhares e a visão clínica ainda são fortes, quando se trata de discutir as questões culturais e linguísticas deste povo. A obra não apresenta apenas as visões estereotipadas da surdez, mas discute o sujeito Surdo sob o viés cultural, permitindo a percepção das identidades, culturas e experiências que advêm da comunidade surda.

As representações da surdez variam de acordo com as perspectivas adotadas e o entendimento que se tem a respeito do Ser Surdo. Nas narrativas de *Crisálida*, nota-se uma forte concepção oralista por parte de alguns personagens que desconhecem a cultura surda, e esses discursos são encontrados em muitas pessoas ouvintes que não têm contato com a comunidade surda, e acabam sendo atravessadas por resquícios da perspectiva oralista, que visa à normalização e compreende a surdez como deficiência.

Entretanto, ao expressar em suas narrativas os discursos que inferiorizam a surdez, *Crisálida* propõe a reversão da visão estereotipada e estigmatizada da surdez, oportunizando aos não conhecedores da cultura surda esse contato e embate em suas perspectivas, levando-os a considerar que o sujeito Surdo só apresenta diferença cultural e linguística e não uma deficiência.

A narrativa potencializa as representações surdas, além de causar um grande impacto social na disseminação da Libras e da Cultura Surda. Ela permite refletir e repensar a concepção de surdo que os ouvintes carregam, desconstruindo os estereótipos e os estigmas advindos de um contexto cultural ouvintista pertencente à parcela majoritária da sociedade. *Crisálida*, como um produto midiático, reverbera de maneira positiva na difusão da Língua de Sinais e do entendimento da cultura surda. As representações da surdez e o protagonismo do surdo abordados por ela permitem que a visão estereotipada seja desconstruída e provoca os sujeitos ouvintes a conhecerem de fato a cultura surda e a maneira surda de ser.

Todas essas discussões em torno do Ser Surdo e da proposição na quebra dos estigmas e da visão estereotipada da surdez são possíveis devido aos Estudos Surdos, que como um campo de pesquisas contribuem de forma significativa para a desmistificação de crenças errôneas da surdez advindas de uma concepção colonialista; além disso, propõe-se repensar a surdez, considerando-a uma diferença cultural e linguística.

Por meio dos Estudos Surdos as ideologias oralistas são postas em choque, questionando-se as formas em que a sociedade ouvinte atribui sentido à concepção da surdez e do ser Surdo, refletindo no que concerne à cultura e língua de um povo que se difere em suas formas de comunicação e interação com o mundo.

Por meio das análises e interpretações realizadas na série, nota-se que muitos discursos advindos da perspectiva clínico-terapêutica e do período oralista estão presentes na sociedade contemporânea. Apesar de muitos terem sido os avanços para o povo surdo, ainda há que se lutar mais, visto que muitas pessoas desconhecem a cultura surda e não compreendem a surdez por um viés cultural.

Como afirma Skliar (2015), o pensamento colonialista ainda é dominante na sociedade e ao promover uma série bilíngue com o intuito de difundir a cultura surda e desmitificar crenças errôneas sobre a surdez, *Crisálida* dá um passo para que esses estigmas sejam quebrados e a decolonização do povo surdo ocorra.

Diante disso, pesquisas e discussões acerca dos Estudos Surdos e as questões que envolvem a cultura e protagonismo Surdo precisam ser desenvolvidas. Constata-se também a necessidade de mais narrativas midiáticas que deem visibilidade à Língua de Sinais e ao povo surdo serem produzidas, para que o Surdo possa ser entendido em sua especificidade e tenha seu devido espaço conforme sua maneira de vivenciar o mundo.

Referências

ALPENDRE, Elizabeth Vidolin. **Concepções sobre surdez e linguagem e o aprendizado da leitura**. Curitiba:PDE, 2008.

AZUBEL, Larissa. **Uma série de contos e os contos em série**: o imaginário pós-moderno em OnceUpon a Time. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

BARROS, Thatiane do Prado; SANTOS, Valdiceia Tavares; ALBUQUERQUE, Rodrigo. (De)colonialidade na Educação Bilíngue para Surdos/as no Brasil: trajetórias para gretar.**Revista Linguagem & Ensino**<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index> Pelotas, v. 26, n. 1, JAN-ABR, 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, out.-dez. 2016.

CAMPELLO, Ana Regina; CARVALHO, Vilmar Fernando. A existência de quatorze (14) identidades surdas.**Revista Humanidade e Inovação**. Palmas. 2022.

CASSETTI, Francesco; Di CHIO, Frederico. **Como analisar un film**. Barcelona: Paidós, 2013.

CRISÁLIDA, curta-metragem. Direção Serginho Melo. Produtora Alessandra da Rosa Pinho. Florianópolis. Raça Livre Produções. 2014, Youtube *Crisálida*.

CRISÁLIDA, série. Direção Serginho Melo. Produtora Alessandra da Rosa Pinho. Florianópolis. Raça Livre Produções. 2020.

CRISÁLIDA, o filme. Direção Serginho Melo. Produtora Alessandra da Rosa Pinho. Florianópolis. Raça Livre Produções. 2020.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. Curitiba: Ibpx, 2007.

FERNANDES, Sueli de Fátima; TERCEIRO, Francisco Martins Lopes. Deafhood: um conceito em formação no campo dos Estudos Surdos no Brasil. **Revista Educação Especial**, 2019.

FERREIRA, Nelson Toledo. As arenas midiáticas como palco de luta das minorias. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 12, n. 1, abr. 2018.

GIL, Cristina; PEREIRA, Joana. Deaf Way nos Estudos Culturais: a bandeira Surda da diversidade. **Revista Online Mediações**, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e Educação**, v. 22, n. 3, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HENRIQUE, Timótheo Machado. Educação de Surdos – aspectos histórico-linguístico-culturais da comunidade surda. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 35, 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/35/educacao-de-surdos-r-aspectos-historico-linguistico-culturais-da-comunidade-surda>. Acesso em: 23 out. 2023.

KALATAI, Patricia; STREIECHEN, Eliziane Manosso. **As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual do Centro-Oeste: Irati, 2012.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia- estudos culturais: identidades e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Cadernos Cedes, 1998.

LADD, Paddy. **Em busca da surdidade 1: colonização dos Surdos**. Surd'Universo, 2013.

LEITE, Francisco. A publicidade contra-intuitiva: possíveis articulações e reflexos nos estigmas e estereótipos sociais. **Jornal Valor Econômico**, n. 1242, 15abr. 2005.

MARTINS, Francielli Cantarelli, KLEIN, Madalena. **Estudos da Contemporaneidade sobre ouvintismo/audismo**. IX ANPED SUL, 2012.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Silvana Tobias. **Eita, é surdo: alguns estereótipos e estigmas acerca do sujeito surdo corporizados pelo discurso humorístico no YouTube**. 2021. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

PERLIN, Gládis. **O ouvinte: o outro do outro surdo**. Anais do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. Florianópolis: Fapeu-002, 2003.

PERLIN, Gládis. **O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade**.

Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre, 2003.

PERLIN, Gládis; STROBEL, Karin. **Teorias da Educação e Estudos Surdos**. UFSC: Centro de Comunicação e Expressão, 2009.

PIASSA, Zuleika Aparecida Claro; ARAÚJO, Renata Miranda de. Pós-Modernidade, Pós-Estruturalismo e Educação: reflexões sobre esta relação no currículo e no cotidiano escolar. **Revista Dialectus**, ano 10, n. 22, Edição Especial, jun. 2021, p.159-174.

PINHO, Alessandra da Rosa. **Entrevista** [nov.2023]. Entrevistador Alan Marlon de Mattos, Guarapuava. 1 arquivo mp4. Entrevista concedida para desenvolvimento da pesquisa.

PIZZO, Aline Lemos; QUADROS, Ronice Müller de. **Aquisição de línguas de Sinais**. UFSC: Centro de Comunicação e Expressão, 2011.

QUADROS, Ronice Muller. **Libras**. Editores científicos Tommaso Raso, Ferrarezi Jr. São Paulo: Parábola, 2019.

RINCÓN, Omar. **Narrativas mediáticas: o cómo se cuenta La sociedad Del entretenimiento**. Barcelona: Editorial Gedisa, S.A., 2006.

RIZZI, Luciano Emilio da Silva; GUIMARÃES, Cayley. **Conceito Deafhood pela obra de Paddy Ladd: Entendendo a cultura surda: Em pesquisa de deafhood**. XXIV Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da UTFPR. Pato Branco, 2019.

ROCHA, Luiz Renato Martins; OLIVEIRA, Jáima Pinheiro; REIS, Márcia Reginas dos. **Surdez, educação bilíngue e Libras**. Curitiba: Editora CRV,C 2016.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Sabrina Ferrari da. **Ambiguidades e posicionamentos femininos em Alias Grace: as performances de Grace Marks**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura. Guarapuava, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Caroline Hessel. Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras. **Santa Maria**, v. 33, n. 1, p. 171-190, jan./abr. 2008.

SOARES, Lidiane Sacramento. **A cultura e a identidade surda: formas de resistência à colonialidade do poder linguístico**. Anais Seminário Interlinhas — Fábrica de Letras. 2020.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora Mãos Sinais, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver. *In*: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

YEBRA. Fray Melchor de. **Refugium infermorum**. Madrid: Lys Sanchez, 1593.

Anexo

Roteiro para entrevista com a produtora Alessandra da Rosa Pinho, criadora de *Crisálida*.

1. Quais suas relações com a comunidade surda?
2. O que motivou a criação de *Crisálida*? O que deu origem e qual objetivo da série?
3. A série como produto social que discute as questões da surdez, possui um impacto social muito grande, os temas abordados refletem uma realidade acerca dos sujeitos surdos. Diante de toda essa relevância da série e dos temas, como se deu a escolha dessas temáticas, como foi a elaboração do enredo e roteiro da narrativa?
4. Como foram escolhidos os personagens? Você encontrou dificuldades para selecioná-los, como se deu esse processo?
5. A série apresenta o protagonismo dos sujeitos surdos, como foi para você se desvincular das influências ouvintistas e abrir espaço para cultura surda, foi uma escolha consciente?(ou foi processo que você passou que te fez repensar essas questões)
6. Quais foram seus anseios, expectativas em relação à estreia da série? Esperava que ela fosse ganhar tanta proporção e ser um produto de extrema relevância social e acadêmica para discussão da surdez?